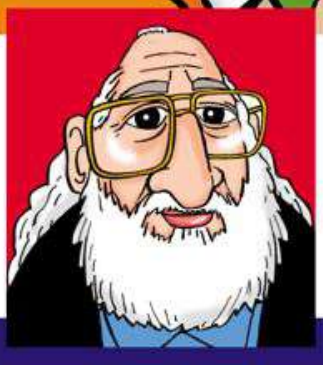
EDUCAÇÃO em linha

REVISTA ELETRÔNICA
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DO RIO DE JANEIRO
Ano I n.º 2

Por uma civilização florestal para o Brasil



O que aprendi com Paulo Freire
O poder da imagem
O império da crônica
A África entre nós
Páginas 11, 19 e 21
Narrar para viver
Chapeuzinho Vermelho em versões

SETEMBRO - DEZEMBRO / 2007

EDUCAÇÃO em linha

REVISTA ELETRÔNICA

Governador Sergio Cabral
Vice-governador Luiz Fernando Souza
Secretário de Estado de Educação Nelson Maculan Filho
Subsecretário de Planejamento da Educação Godofredo de Oliveira Neto
Subsecretário de Rec. Humanos e Tecnológicos Celso Carneiro Ribeiro
Subsecretário de Gestão da Educação Lucia Venina de Mattos Almeida
Chefe de Gabinete Marilson dos Santos Santana
Editores Helenice Valias e John Wesley Freire

AGRADECIMENTOS

A Anna Maria Rennhack, Chico Buarque, Delzimar Coutinho, Evanildo Cavalcante Bechara, Francisco Costa, João Eduardo Veiga, Luiz Emygdio de Mello Filho (in memoriam), Moacyr Werneck de Castro, Marcus Monteiro, Nelson Rodrigues Filho, Raul Lody, Rodrigo Rosa, Ziraldo Alves Pinto, pela cessão graciosa de seus textos e imagens. Às editoras Bertrand Brasil/Record, Ediouro, Gryphus, José Olympio, Nova Fronteira, e a Daniele Tajueiro, Gisela Abad, Maria Amélia Mello, Marilda Ferreira, Patrícia Valverde, Rafaela Rodrigues, Yvonne Prieto, pela gentil colaboração à feitura deste número.

Aos colegas da SEE/RJ que participaram desta edição: Antonio Silvério Cardinot de Souza, Carlos Bahiana, Edwiges Rosalia Ferreira, Helenice Augusta do C. Martins, Rafael Carneiro Monteiro, Valner Pimentel Marins e Welington Machado.

SUMÁRIO

03 EDITORIAL

EDUCAÇÃO EM DIÁLOGO
04 O QUE APRENDI COM PAULO FREIRE

ENCONTROS COM A LITERATURA
07 O IMPÉRIO DA CRÔNICA

LEITURA, LEITURAS
11 DA COSTA AFRICANA À COSTA BRASILEIRA

NOSSA BIBLIOTECA
14 NARRAR PARA VIVER
17 O PODER DA IMAGEM
19 RESENHA: TRILOGIA *ALMA DA ÁFRICA*
21 RESENHA: *UM PASSEIO PELA ÁFRICA*

REDAÇÃO OFICIAL AO SEU ALCANCE
22 REQUERIMENTO

NÃO TROPECE NA GRAMÁTICA
24 SOBRE ABREVIATURAS, SÍMBOLOS E SIGLAS

A TERRA, NOSSA CASA
26 POR UMA CIVILIZAÇÃO FLORESTAL PARA O BRASIL

CONTO, CANTO E ENCANTO
29 *CHAPEUZINHO VERMELHO* EM VERSÕES

O ASSUNTO É...
35 ESPAÇO-VISÃO – "VISÃO" DO ESPAÇO
37 FOLIAS DE REIS – BREVE NOTÍCIA
38 FALA, PROFESSOR

Permitida a transcrição, desde que sem fins comerciais e citada a fonte.
Os conceitos emitidos representam unicamente as posições de seus autores.

Editorial

Em tom de brincadeira, dizia-se na Secretaria de Educação que lançar o primeiro número de um periódico era fácil. O problema era o segundo. Com esta edição, superamos o risco da "natimortalidade"..., o que atribuímos aos colaboradores da revista: suas matérias sensibilizaram os leitores – nosso objetivo primordial.

Honrou-nos, sobremodo, o relato do Prof. Nelson Maculan, nosso Secretário, que remeteu o n.º 1 de *Educação em linha* ao Sr. Governador Sérgio Cabral, e a outros secretários de Estado, recebendo deles elogiosas referências.

Motivo de orgulho neste numero é a colaboração de Moacyr Werneck de Castro, monumento de nosso jornalismo, de quem republicamos *O poder da imagem,* texto que dialoga com *Narrar para viver*, do colega Welington Machado, que nos diz: "Oralidade, escrita, imagem são nomes do mesmo desejo, traços do mesmo círculo, se os sabemos unir, no ato da criação apaixonada, em sensual e criativo abraço".

Nesse tempo em que a vida no planeta está cada vez mais ameaçada, resgatamos outra inestimável contribuição: a do botânico e professor Luiz Emygdio de Mello Filho, cujo trabalho ficou plantado em nossa memória.

"A crônica é um pedaço de eternidade", afirma Machado de Assis. Concordando com ele, Nelson Rodrigues Filho trata competentemente do tema, em que o cotidiano e o universal se conjugam.

Antecipando os centenários de morte de Machado e de nascimento de Guimarães Rosa, em 2008, a eles prestamos as primeiras homenagens, pelo enfoque a seus escritos.

A presença da África entre nós é abordada por um especialista, Raul Lody, e pelas resenhas de obras de dois importantes acadêmicos e africanistas: Antonio Olinto, com sua trilogia *Alma da África*, e Alberto da Costa e Silva, com *Um passeio pela África*.

Na seção *Conto, canto e encanto...* a estória de *Chapeuzinho Vermelho* é revisitada, lúdica e criativamente, por Edwiges Ferreira, nossa assídua e criativa colaboradora.

Publicamos relato de uma experiência com Paulo Freire, filósofo da educação, cuja revolucionária proposta de alfabetização, paradoxalmente, não foi aplicada ao Brasil na amplitude levada a efeito em outros países.

Tratamos também, rápida e objetivamente, de tópicos de redação oficial e de língua portuguesa, oferecendo subsídios a alunos e professores.

Atendendo a sugestões, lançamos a seção *O assunto é...* que possibilitará múltiplas abordagens à publicação. Inaugurando-a, aproveitamos a auspiciosa notícia de que o CE Alcindo Guanabara ganhara o Concurso *Inovar para crescer*, da Associação Comercial do Rio de Janeiro – ACRJ, graças à inventiva de um professor e seus alunos, aqui descrita pela diretora do Colégio. No mesmo espírito, anunciamos o *Encontro de Folias de Reis*, promovido pelo Inepac, nesta capital.

Para que nossa revista se torne verdadeiro instrumento de comunicação e de difusão do conhecimento, esperamos contar com a colaboração dos leitores e das instituições, sugerindo temas ou mesmo enviando-nos contribuições.

Por fim, desejamos aos leitores e colaboradores um 2008 fecundo de boas realizações.

Que nossos melhores sonhos por uma Educação integradora e superadora de obstáculos se concretizem!

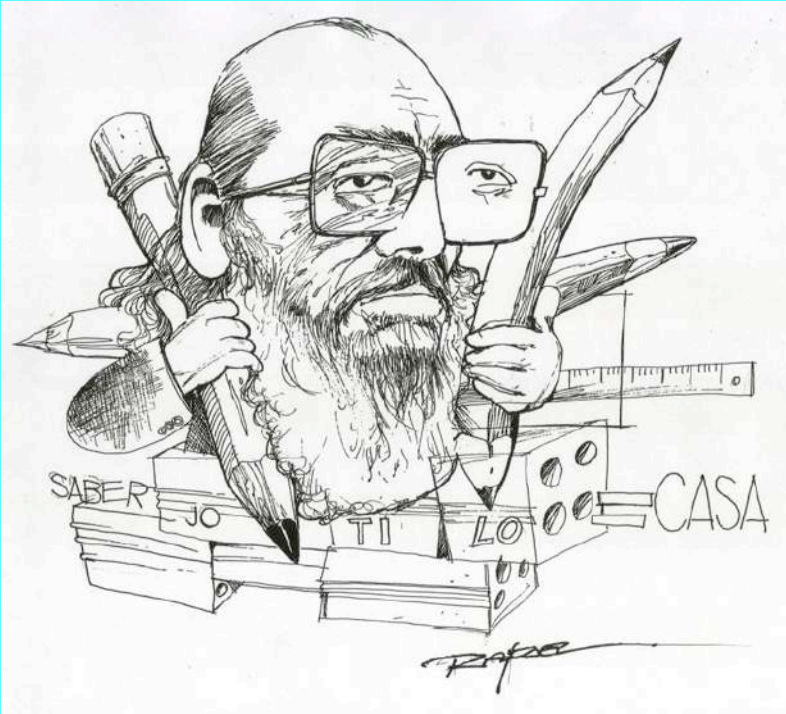
Helenice Valias e
John Wesley Freire
Editores

O QUE APRENDI COM PAULO FREIRE

Não pretendo, nem caberia, dissertar sobre as bases filosóficas e pedagógicas da prática de Paulo Freire, menos ainda exauri-las, repetindo o que já foi dito e escrito por respeitáveis autores em extensa e fidedigna bibliografia.

Preferi tratar do tema num nível em que poucos ainda poderiam se aventurar: o testemunhal, pois os que participamos da *experiência Paulo Freire*, somos cada vez menos numerosos, em razão da passagem do tempo.

No início da década de 1960, o Brasil vivia intensa efervescência de idéias, ideais e ações decorrentes da crescente tomada de consciência que ocorria no país e no mundo. O processo de industrialização e a marcha para o interior, após a construção de Brasília, desafiavam a imaginação dos brasileiros que, tocados pelo ideal e pelo patriotismo(conceito praticamente em desuso)sonhavam e lutavam para concretizar o sonho de um país de, *para e por* brasileiros!



As inevitáveis contradições provocavam tenso e produtivo diálogo no campo das idéias e ações.

Acertos, erros, embates e polarizações faziam parte da dinâmica do processo, infelizmente retardado e quase interrompido por razões por demais conhecidas.

Nesse cenário, Paulo Freire surge, no Nordeste, com sua inédita experiência de alfabetização de adultos que, com muita propriedade, Gadotti (*in Convite à leitura de Paulo Freire*) adverte não ser um simples sistema ou método de alfabetização, mas algo muito superior: uma "*teoria do conhecimento"* ou mesmo uma "*filosofia de educação"*, com o que concordamos. A experiência conjugou conhecimentos empíricos, práticos e teóricos que, por intenso processo dialético[1], se coroaram de êxito. A nova conjuntura educacional e política acirrou embates ideológicos, gerando fatos que culminaram com a derrubada de João Goulart, menos de um ano após o assassinato de John Kennedy.

A idéia que norteava o experimento de Freire era a de desenvolver, dialeticamente, os processos de autonomia, autoconfiança e de consciência crítica sobre as realidades local e nacional entre os participantes dos *Círculos de Cultura* – aqueles menos favorecidos economicamente.

Com a queda de Goulart, o Programa Nacional de Alfabetização – PNA, que se transformara em projeto nacional do MEC, do qual fui supervisor, dissolveu-se e muitos dos participantes foram perseguidos, mortos, presos e/ou exilados, como aconteceu com o próprio Paulo Freire.

Após a *Revolução*, tentou-se travestir o processo em *método de alfabetização*, no qual se substituía a autonomia pela dependência, o *monitor* pelo professor, que *dava aulas sem muito lero-lero*, como se dizia, como se fez, por exemplo, no Rio Grande do Norte.

Por mais paradoxal que pareça, os sucessivos governos instalados no Brasil após a chamada redemocratização, sempre homenagearam e lisonjearam Paulo Freire, mas nenhum deles, até hoje, aplicou sua filosofia, embora tenham encetado inúmeras campanhas de alfabetização e gasto milhões para implementá-las...

A proposta de Paulo Freire se confrontava com o vigente sistema escolar conservador e formal ou *cartorial*[2], como a chamavam seus críticos, no qual se dava ênfase à quantidade de *conhecimentos passados*, ao cumprimento de *programas* e não ao valor instrumental do que se ensinava-aprendia.

O modelo descrito, que sobrevive até hoje, demonstra há séculos ser destinado às classes privilegiadas e à manutenção de suas vantagens, ignorando-se as necessidades das classes populares – consideradas indignas do *conhecimento* –, pois representa *poder*, e dominar o conhecimento é possuir poder – *perigoso* nas mãos do povo.

Freire criou os *Círculos de Cultura*, cuja dinâmica se distinguia do sistema escolar vigente: não havia professores, foco do processo tradicional – considerados detentores do conhecimento que

ministravam em pequenas e pouco eficientes doses. Havia *monitores* que dinamizavam os *Círculos*, promovendo o debate, a troca entre os participantes, abstendo-se de ser o centro do processo.

No sistema tradicional os alunos dependiam (e ainda dependem) do *saber professoral*, e eram considerados *tábulas rasas* – receptáculos vazios a serem preenchidos com o que lhes ensinassem os *mestres*... O aluno devia reter e repetir o que *ouvia dos mestres,* sendo *avaliado* segundo a capacidade de memorizar conteúdos que normalmente não se adequavam à realidade em que viviam ou às suas necessidades presentes ou futuras.

Nos *Círculos de Cultura*, não havia a dependência de *quem aprende* a *quem ensina:* todos trocavam conhecimentos, sem a preocupação com o *certo* e o *errado*. O debate era o principal agente mobilizador (motivador) do aprendizado. A *disciplina* exigida não era o silêncio, a submissão e a dependência mas sim a *participação*. Ao final do debate todos, inclusive os monitores, sentiam-se mais capazes, mais confiantes e mais senhores do conhecimento gerado.

Paulo Freire aplicou pela primeira vez publicamente seu método no *Centro de Cultura Dona Olegarinha* – Círculo de Cultura do *Movimento de Cultura Popular*, em Recife.

Aplicado inicialmente a 5 alunos, três aprenderam a ler e escrever em 30 horas, 2 não concluíram o processo.

A partir de experiência em Angicos, quando se alfabetizaram 300 trabalhadores em 45 dias, o Presidente João Goulart, encarregou Freire de organizar o Programa Nacional de Alfabetização – PNA, para alfabetizar 2 milhões de pessoas, em 20 mil círculos de cultura. No Estado da Guanabara inscreveram-se 6 mil pessoas.

O Golpe de 64 extinguiu o PNA, Paulo foi preso, se exilou e o grandioso projeto foi abandonado.

Conseqüentemente, a alfabetização decorria da tomada de consciência pelo indivíduo no processo de elaboração do conhecimento.

A *conscientização* ocorria através de intenso diálogo interior, e com a realidade – os ambientes social, político e econômico –, cada um percebendo seu tempo, seu mundo, seu potencial e suas limitações, e elaborando sua *síntese.* Figurativamente, isto de compararia à metabolização dos alimentos.

Chegava-se a elas, no primeiro encontro do *Círculo de Cultura*, pela apresentação ou projeção de imagens de paisagens não humanizadas aos participantes, e a eles se perguntando *quem* produzira ou fizera aquilo – a natureza ou o homem. Nos quadros iniciais predominavam fenômenos criados pela natureza. Progressivamente, apresentavam-se imagens com mais sinais da ação humana.

Neste momento, o monitor propunha que a ação humana, modificando a natureza, fosse chamada de *cultura* – conceito, tomado à Antropologia. Este era o momento mais significativo do processo, pois demonstrava que cada ser humano é *criador de cultura*, agente de modificação do ambiente, segundo seu domínio de conhecimentos.

As primeiras e mais importantes noções do sistema de Paulo Freire são as de *natureza* e de *cultura*.

Numa imagem, viam-se dois homens caçando: um com arco e flecha e, o outro, com espingarda. Perguntava-se *o que faziam* e *por que faziam isto* e os participantes percebiam que todas as formas de cultura tinham o mesmo propósito: dotar o homem de meios de subsistência.

Anteriormente à instalação do Círculo de Cultura, observadores haviam captado as palavras mais usadas na área onde ocorreria a alfabetização, descobrindo o *universo vocabular* do grupo.

Dentre as palavras mais empregadas, buscava-se aquelas que abarcavam os *fonemas* da língua portuguesa. Daí, chegava-se às *palavras geradoras*, empregadas como alvo das discussões pelos participantes no Círculo.

Dentre as palavras *geradoras* com grande conteúdo anímico no Rio de Janeiro e na Baixada Fluminense *TIJOLO* era uma delas. Após a projeção da imagem relativa a ele, o monitor perguntava: *O que é isto? Para que serve?* O debate que se seguia era rico, intenso e revelador dos conhecimentos e das expectativas do grupo em relação ao conceito *TIJOLO*, denotativa e conotativamente falando.

Da discussão surgia a consciência social sobre a questão: *sincreticamente*, *TIJOLO* era um objeto sólido com determinada forma empregado nas construções. *Analiticamente*, *TIJOLO* serviria para construir casas que representavam abrigo, família, casa, habitação, aconchego e mil outros significados afetivos. Em *síntese*, *TIJOLO* é tudo isto e muito mais. Assim, o objeto crescera no conhecimento e no sentimento de cada participante, formando individual e coletivamente uma consciência sobre o conceito.

Vê-se, portanto, que a alfabetização proposta por Paulo Freire fugia totalmente do estereótipo: *vovó vê a uva* e *a ave voa* ou *a uva é da vovó*... Não havia lugar para esquemas preestabelecidos do tipo *cartilha*, portanto, não havia razão de mencioná-la, nem mesmo para negar-lhe a utilidade. Usávamos como material didático projetor, *slides* e quadro de giz.

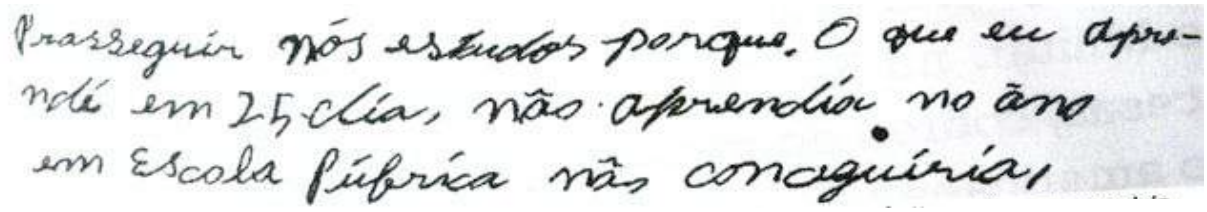
Esgotada a discussão, apresentava-se novo quadro

TI JO LO
TA TE TI TO TU
JA JE JI JO JU
LA LE LI LO LU

Propunha-se, então, encontrar as partes de TI+JO+LO, bem como a formação de outras palavras com os pedacinhos. Se surgisse *JE + TU + LO* (não se indicaria o erro de grafia na escrita da palavra *Getúlio*, pois primordialmente a ênfase recaía sobre os *fonemas*). A grafia seria discutida mais tarde.

Surgindo palavras inexistentes, desconhecidas ou inventadas, o monitor perguntava se eram palavras existentes ou *palavras de imaginação*. Nunca se diria *isto não existe, está errado* ou *não é assim que se escreve*, pois o alfabetizando se sentiria constrangido e intimidado diante do grupo. Percebia-se, às vezes, que usavam palavras corrompidas ou que eram criadas pelo jogo associativo – *eram palavras da imaginação*...

Não cabe alongar a exposição, a bibliografia é rica na análise do assunto. Concluo, voltando ao título, transcrevendo carta de Geraldo da Silva Pinto, alfabetizado do RN:


Prasseguir nós estudos porque. O que eu apre-
ndé em 25 dia, não aprendiá no ano
em Escola Púbrica não conseguiria,

... Prosseguir nos estudos porque o que eu aprendi em 25 dias, em um ano de Escola Pública não conseguiria.

Lembro-me que, no primeiro dia do curso de supervisor do PNA, no Rio de Janeiro, perguntei a um de nossos orientadores se poderia aplicar o *método* (na época eu o chamava assim) ao ensino de Geografia, e ele não soube responder.

Com o tempo descobri que o método ideal para a educação era o dialógico ou *maiêutico* – que propunha seguidos questionamento ao interlocutor na busca de suas próprias verdades e na conceituação geral do objeto, numa analogia ao trabalho da parteira, que ajuda a dar à luz a criança. O conceito foi criado por Sócrates[3], cuja mãe era parteira, e o procedimento adotado por Paulo Freire com inegável sucesso.

Hoje, afirmo que aprendi com Paulo Freire que o DIÁLOGO é a melhor forma de comunicação e de educação, que deve ocorrer sem priorizar a informação quantitativa sobre a qualitativa, que acaba por esterilizar o aluno e a escola – processo que Paulo estigmatizava como cartorial. Em termos de importância, a escola e o professor existem em função do aluno... e não o inverso.

Paulo Freire considerava que a tarefa do professor/monitor não era ensinar, mas ajudar o aluno a aprender. Por sua vez, o aluno tem sempre algo a acrescentar àquilo que o professor expôs, pensando dominar o saber. O professor, mesmo com o conhecimento específico que detém, aprende mais, se aberto ao diálogo.

Quando jovem conheci a filosofia de Paulo Freire, que ainda hoje norteia meus passos no magistério e na vida... daí eu lhe atribuir o que considero o mais honroso dos títulos – o de *MESTRE*.

John Wesley Freire
Professor, especialista em educação, produtor e apresentador de rádio e tv

1 *Dialeticamente*, o conhecimento passa por três etapas: *síncrese* – abordagem ou percepção inicial e difusa do objeto; *análise* – percepção das partes componentes do objeto, suas interações e significados; e *síntese* – tomada de conhecimento do conjunto, após a análise de seus diversos componentes.

2 *Educação cartorial* – é a que valoriza provas, "programas oficiais", "currículo formal", registro de notas, diploma, matérias e disciplinas ao invés de priorizar o conhecimento e a sua aplicabilidade ao cotidiano.

3 Sócrates – pensador grego, 470 a 399 a.C., acreditava que, vivendo justamente e formando cidadãos sábios e honestos serviria à pátria. Por sua austeridade, probidade, atitude crítica, ironia e filosofia, seus inimigos o acusaram de corromper a mocidade e negar os deuses. Defendeu-se, criticando os juízes e não pediu clemência. Aguardando a execução, não fugiu para obedecer às leis. Fez palestras espirituais e, ao beber cicuta, agradeceu ao *deus da medicina* por livrá-lo do *mal da vida*.

Sítios recomendados: pucsp.br; paulofreire/pt; *pt.wikipedia.org; projetomemória/art.br; paulofreire.org*

O IMPÉRIO DA CRÔNICA

A crônica, em síntese... é a metáfora da conversa cotidiana. (N.R.F.)

A crônica é um pedaço de eternidade. (M. de Assis)

Durante muito tempo considerou a crítica gêneros menores, o conto e a crônica, especialmente esta. Via-se nela um texto condenado à morte, quando morria a atualidade das notícias do dia. Reservava-se à crônica o destino do jornal em que vinha ela estampada: servir, na época, aos açougues como papel de embrulho.

Do contista esperava-se a maioridade, quando finalmente fosse publicado o seu romance. Enquanto isso não ocorria, ficava o narrador no limbo, como promessa. Não valia, então, o exemplo de grandes contistas que contraditava a opinião. Dentre eles, Edgar Allan Poe, que, excelente contista (e poeta), não precisou do romance para consagrar-se (e perpetuar-se).

O patinho feio, todavia, era a crônica, apesar dos praticantes ilustres nos séculos XIX e XX. Neste último, desfilam, com rara competência, em jornais e revistas do Rio, escritores admiráveis, que, com a linguagem adequada, fosse ela lírica, dramática, narrativa, dominantemente argumentativa, ou misturando algumas destas características, construíam a história do nosso dia-a-dia, com inegável valor literário. Num universo jornalístico pródigo, liam-se, com prazer, intimidade e, às vezes, discordância, textos, entre outros, de Álvaro Moreira, Nestor de Holanda, Elsie Lessa, Nelson Rodrigues, Fernando Sabino, Henrique Pongetti, Paulo Mendes Campos, Antonio Maria, Sérgio Porto, e o sabiá da crônica Rubem Braga. Tinham todos eles descendência ilustre, o cronista (folhetinista) do século XIX.

A crônica

A palavra crônica tem seu étimo em *khronos*, tempo. Inicialmente, como se sabe, era o relato dos acontecimentos em ordem cronológica.

Como ensina o Prof. Afrânio Coutinho (1971), o termo adquiriu dois sentidos. O primeiro, "o primitivo, dá à crônica o caráter de relato histórico, sendo parenta de anais. Foi o feitio que assumiu a historiografia na Idade Média e Renascimento, em todas as partes da Europa, a princípio em Latim e depois nas diversas línguas vulgares, inclusive em Português, em que deu algumas obras-primas". Lembremo-nos, digo eu, dos cronistas Fernão Lopes, Zurara, Rui de Pina, João de Barros, entre outros. Afrânio Coutinho ressalta, ainda, que tal sentido prevaleceu nos vários idiomas europeus modernos, menos o Português.

A partir de certo momento, entretanto, surge uma prática textual que vai suscitar um segundo sentido: gênero ligado ao jornalismo, com características próprias. Ela não se confunde com o editorial, o artigo, o ensaio. É irmã deste último, como espécie do gênero ensaístico, com ascendentes ilustres, dentre os quais Montaigne, por exemplo, mas dele diferindo.

No Brasil, a crônica vai adquirir um perfil próprio, enquanto o ensaio torna-se sinônimo de "estudo", sem as exigências e o formalismo do discurso acadêmico, mas não sem menor qualidade ou importância, como podem atestar trabalhos variados nos campos da crítica,

da política, da antropologia, da filosofia, por exemplo.

A crônica, como é praticada entre nós, tem, como já se disse, características próprias, que a colocam como uma espécie literária (do gênero ensaístico). Reúne o subjetivo e o objetivo, transita entre o real e o imaginário, o sólito e o insólito, percorrendo o cotidiano e o atual. O bom cronista, com seu olho de *flâneur* e *voyeur*, vai buscar aquele detalhe inusitado, que sua perspicácia ou sensibilidade alcançam. Usando a linguagem escrita, desenvolve uma conversa com o leitor, que se sente ouvinte privilegiado do vizinho ou de alguém que lhe é próximo. São pequenos casos, opiniões, descrições, argumentações, numa forma que, dentro das limitações da linguagem escrita, procura aproximar-se da linguagem oral, mais especificamente da conversa, simulando um "diálogo", por meio de comportamentos retóricos, em que se inclui a "polêmica velada", ou "aberta", a "réplica do diálogo" (1981), a resposta à pergunta possível do leitor, a interrogação retórica, numa intimidade própria do gênero. Este caráter de conversa, de mimese do oral, vai facilitar o exercício do gênero no rádio, que contou com escritores admiráveis como Genolino Amado, Carlos Drummond de Andrade, Clarice Lispector, Manuel Bandeira, Cecília Meireles.

A crônica, em síntese, pode reunir o descritivo, o narrativo, o argumentativo, em forma que, em última instância, é a metáfora da conversa cotidiana.

Crônica vem de *khronos*, e, como tal, tem o seu compromisso com o tempo. Isso a leva, enquanto registro, mesmo que subjetivo, a fixar momentos que podem ser recuperados mais tarde. Faz-se, na esteira de Benjamin, documento, monumento e ruína. Documento, porque tem como objeto o tempo vivido em determinado tempo; monumento, porque pode, em certos casos, fixar (e perpetuar) a importância de um momento; ruína, porque trata do que se torna passado e jamais será outra vez. Ou mais exatamente: testemunho a que a história, a qualquer momento, pode requisitar.

Talvez por isso é que Benjamin (1985) tenha conferido especial importância ao cronista, o outro, mas que parece poder aplicar-se ao nosso:

"O cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história".

A crônica e o oitocentos

A crônica, tal como está sendo aqui tratada, foi adquirindo, no Rio de Janeiro, desde o Império, uma feição tipicamente nacional. Não seria absurdo dizer que vai influir no surgimento do romance. E o melhor exemplo é o extraordinário *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antonio de Almeida.

Há que ressaltar que jornalismo e literatura andaram sempre de mãos dadas. E, durante muito tempo, mesmo no século XX, o jornalismo foi uma das saídas para a sobrevivência do escritor, sendo a outra, a condição de servidor público.

Rugendas - 1835

O romantismo foi o momento que deu impulso ao exercício da crônica, folhetim, nome que vai ser reservado depois para o texto narrativo em capítulos, que antecipava, em geral, a publicação do romance, e foi pai

da radionovela e avô da telenovela.

O membro alfabetizado era o leitor da família. Os outros, em geral analfabetos, reuniam-se em torno dele, para ouvir o capítulo do dia.

A crônica passa, então a denominar o texto curto e leve, datado, a tratar, quase sempre, da atualidade e do cotidiano, sob a ótica subjetiva do cronista. A esse tempo, costumava ser semanal.

Para alguns, como Afrânio Coutinho (op.cit.), o pioneiro da crônica foi Francisco Otaviano de Almeida Rosa:

"A crônica brasileira propriamente dita começou com Francisco Otaviano de Almeida Rosa... em folhetim no *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro (2 de06.01.08 dezembro de 1852). Também no *Correio Mercantil* do Rio de Janeiro assinou ele o folhetim mensal até 1954".

No *Correio Mercantil*, Francisco Otaviano teve um substituto ilustre, que conferiu qualidade literária ao gênero: José de Alencar. Este, depois de superar a desconfiança dos donos do jornal, por ser, então, muito jovem, vai produzir um documento de sua época, mais lírico do que crítico, ao tratar de homens e fatos da semana, dirigindo-se, ora aos homens, ora às mulheres. Já se vislumbra nas crônicas o lirismo que vai marcar a ficção. Tais textos estão reunidos, hoje, com o título "Ao correr da pena".

A partir de 1859, surge o cronista (folhetinista) Machado de Assis, que iria dedicar-se ao gênero por muitos anos. O bruxo do Cosme Velho é tão bom cronista quanto romancista e contista. O cronista vai se mostrar agudo observador de seu tempo, nas mais variadas ocorrências, culturais, sociais, políticas, artísticas e cotidianas, sem perder algumas das características que marcaram a obra ficcional. Lá estará presente o humor conhecido, o registro do detalhe, o ceticismo, a atitude zombeteira, a crítica às vezes amarga, sem, entretanto, perder a postura grave e altaneira.

Muitas vezes, a sua imaginação, na conversa que mantinha com o leitor, sem perder o humor fino e a ironia, levava-o a divagação quase profética. É o caso da crônica na seção "A Semana" ("A questão da capital, – ou a questão capital..."), da *Gazeta de Notícias,* publicada em 07.06.1896, na qual, comentando a possível mudança da capital, prevê uma ponte política com o antigo Estado do Rio e até a construção de uma ponte de ferro entre os dois lados da Baía da Guanabara.

"A questão da capital, – ou a questão capital, como se dizia na República Argentina, quando se tratou de dar à província de Buenos Aires uma cabeça nova, própria, luxuosa e inútil, – a nossa questão capital teve esta semana um impulso. Discutiu-se na Câmara dos Deputados um projeto de lei, que o Dr. Belisário Augusto propõe substituir por outro. Esse outro declara a cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro capital de República. Não é preciso acrescentar que o fundamentou eloqüentemente; este advérbio acompanha os seus discursos. Foi combatido naturalmente, sem paixão, sem acrimônia, com desejo de acertar, visto que a Constituição determina que no planalto de Goiás, seja demarcado o território da nova capital, e já lá trabalha uma comissão de engenheiros..."(...)

(...)"Tudo pode acontecer. Um dia, quem sabe? Lançaremos uma ponte entre esta cidade e Niterói, uma ponte política, entenda-se, nada impedindo que também se faça uma ponte de ferro. A ponte política ligará os dous Estados, pois que somos todos fluminenses, e esta cidade passará de capital de si mesma a capital de um grande Estado, a que se dará o nome de Guanabara. Os fluminenses do outro lado da água restituirão Petrópolis aos veranistas e seus recreios. Unidos, seremos alguma coisa mais que separados, e, sem desfazer das outras, a nossa capital será forte e soberba. Se, por esse tempo, a febre amarela houver sacudido as sandálias, perderemos a má fama que prejudica a todo o Brasil. Poderemos então celebrar o segundo centenário do destroço que aos franceses de Duclerc deu esta cidade com seus soldados, os seus rapazes e os seus frades...Que esta esperança console o nosso Belisário Augusto, se cair o seu projeto de lei."

É de ressaltar a capacidade de registrar o seu tempo, trazendo para a crônica a clareza da conversa, sem abdicar de comportamentos literários encontráveis nos seus mais elaborados textos, como a alusão histórica e literária, a ironia, o fino humor, provocando, em termos freudianos, o desconcerto e o esclarecimento, sem perder o tom de conversa.

Olavo Bilac vai substituí-lo na *Gazeta de Notícias.* A diferença fundamental entre os dois foi bem marcada por Ubiratan Machado, no prefácio da antologia que preparou das crônicas do poeta parnasiano (2005), do qual transcrevo dois parágrafos:

> "Observador arguto da atualidade política e social, conhecedor insuperável da alma humana, Machado lançava a sua rede no mar dos acontecimentos do dia, capturando peixes miúdos e graúdos, sobre os quais exercitava malícia, ironia e impiedade. Gostando de catar o mínimo e o escondido, tornava visível, muitas vezes de maneira cruel, o que passaria despercebido à maioria. Zombava de quase tudo e quase todos..."
>
> "Bilac não tinha o espírito de observação machadiano para os acontecimentos políticos e sociais, nem o gosto pelas minúcias. Não era um analista, mas um impressionista. Seu humorismo espontâneo e jocoso, com uma certa inclinação pela sátira, se diferenciava do humorismo amargo e intelectualizado de Machado. Um fazia sorrir, o outro queimava como o ferro em brasa, mas o que distinguia os dois cronistas era por certo a nota lírica, presente em tantas crônicas bilaquianas."

Muitos cronistas do século merecem ser citados. Entre eles, Medeiros e Albuquerque, Quintino Bocaiúva, França Júnior, Raul Pompéia, Joaquim Manuel de Macedo.

Na transição para a República e começo dela vamos encontrar cronistas importantes como João do Rio e Lima Barreto. O primeiro, esnobe, escandaloso, fã de Oscar Wilde, pode ser considerado o criador da chamada crônica social. Ele irá acompanhar as profundas mudanças da cidade. Atribuindo à crônica "o espelho capaz de guardar imagens para o historiador futuro", soube trabalhar em favor de sua opinião. É o cronista mundano que registra, preferencialmente, homens, ambientes e costumes do alto mundo, que, como diz Afrânio Coutinho, "se exibe pelo inverno no Teatro Municipal e vai à serra em Petrópolis, pelo verão." O oposto é Lima Barreto, que, com seu princípio de literatura militante, vai tratar de homens e costumes do subúrbio, identificado com eles, homem de subúrbio que era, desenvolvendo uma crítica acerba aos do outro lado, homens e mulheres de Botafogo e Laranjeiras e freqüentadores do Teatro Lírico.

A crônica, enquanto gênero literário e jornalístico, resistiu o quanto pôde às transformações da modernidade e da pós-modernidade, acabando por sucumbir entre os novos meios e as novas expectativas do homem contemporâneo. Assim é que, sob o conceito que desenvolvemos aqui, pouquíssimos são os cronistas, muitos são os articulistas, na mesma confusão que se faz hoje entre críticos literários e resenhistas. A sorte é que, contrariando os críticos iniciais, a crônica chegou ao livro.

Nelson Rodrigues Filho
Mestre em Teoria Literária e Doutor em Letras pela UFRJ

Algumas referências:

ALENCAR, José. *Obra completa.* v.4. Rio de Janeiro: Aguilar, 1959
ASSIS, Machado. *Obra completa.* V.3. Rio de Janeiro: Aguilar, 1985.
BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoievski.* (tradução de Paulo Bezerra). Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981.
BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de História. *In: Obras escolhidas*: magia e técnica, arte e política. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1985.
COUTINHO, Afrânio (dir.). *A literatura no Brasil*. V. 6. Rio de Janeiro: Sul Americana, 1971.
MACHADO, Ubiratan (org.) *Olavo Bilac*. São Paulo: Global, 2005. (Coleção "Melhores crônicas"/ direção Edla van Steen)

Sítios recomendados: www.tvcultura.com.br/aloescola; pt.wikipedia.org; br.answers.yahoo.com

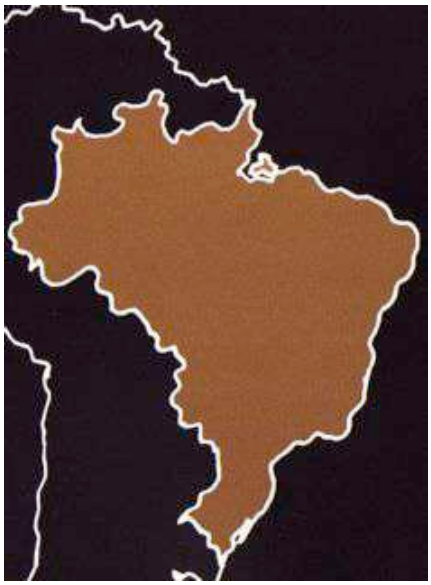
Da costa Africana à costa brasileira
Com um pé lá e outro cá

Do encontro da terra Odudua com o ar Orungan, rompe-se a grande cabeça do mundo, jorrando água, principalmente dos seios de Iemanjá; dessas águas nascem os orixás.

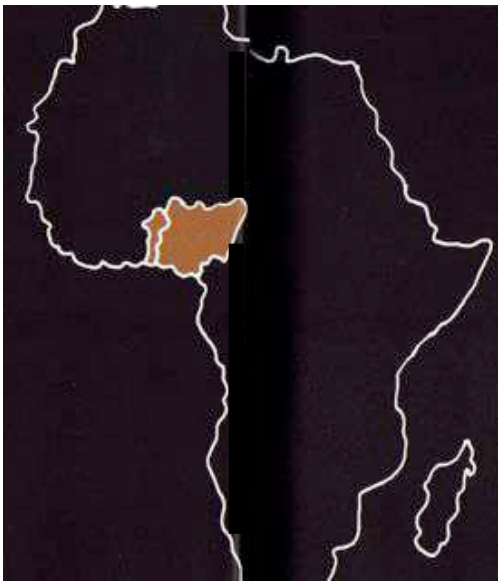
(*Tradições orais afrodescendentes*, Bahia)

Inicialmente, falar da África é falar da diversidade, do encontro de civilizações, de fontes e matrizes que abastecem o mundo ocidental. São tantas Áfricas: muçulmana, Magreb, próximo ao Saara, vivendo o Mediterrâneo; ou a costa do Atlântico, a costa do Índico; das florestas, das savanas, de mais de duas mil línguas faladas, reunindo cinqüenta e três países, mais de oitocentos milhões de pessoas. É essa África continente, profundamente doadora e formadora do povo brasileiro.

E é também dessa África que, há mais de quatro milhões de anos com o *Australopithecus ramidus*, se origina o homem moderno que coloniza o planeta a partir de pequenas e sucessivas ondas migratória rumo ao resto do mundo.



De tantos caminhos, pelo Atlântico, vindo da Costa: Costa do Ouro, Costa da Malagueta, Costa dos Grãos, Costa do Marfim, Costa dos Escravos ou simplesmente Costa africana, por longos séculos, fez-se o vil processo de escravidão no Brasil, por meio da



mão e nau lusitanas, entre outros interessados no açúcar, no ouro, no diamante, no café, nos novos mercados.Civilizações, etnias, sociedades, povos, homens e mulheres atravessaram o Atlântico Negro até a Costa brasileira, para os principais portos do Rio de Janeiro, de Salvador e do Recife.

Atravessam em corpo, em força de trabalho desejado e atravessam principalmente com suas memórias, seus saberes tradicionais nas mais profundas interações com a ancestralidade africana, com a natureza, com as maneiras de traduzir e de experimentar identidades na nova terra, no Brasil.

Tudo convive em diferentes e fundamentais formas de ver e de representar o mundo, a fertilidade, o corpo; a arte em seu conjunto de vivências integradas ao cotidiano e ao tempo das festas, a religiosidade. É arte para experimentar, e não apenas arte para apreciar, decorar em discursos estéticos externos, distanciados da unidade dominante entre a técnica, a pessoa e o sagrado.

É na arte africana e sua diáspora que se afirma o entendimento geral do mundo, quando se dilata nas repetições dos gestos, nas danças, nos dizeres, nas representações dos objetos, nas cores, nas muitas maneiras de traduzir temporalidade, formas, volumes, símbolos, texturas, diferentes expressões, comunicação em linguagens sensíveis que expõem, inicialmente, um grande projeto coletivo de transmissão de sabedoria tradicional. Assim, são mantidos patrimônios tão antigos e referenciais quanto

a própria história do homem.

São tempos e estilos de viver a arte em dimensões próprias e particulares, unindo, confirmando os papéis sociais, legitimando hierarquias e vínculos sagrados e religiosos com mitos, deuses criadores do mundo e do homem.

Dos encontros – homens e deuses – chegam as técnicas, os domínios dos materiais: barro, fibras naturais, madeira, metais, para, assim, criar, construir, usar, representar e buscar nos objetos seus lugares, seus destinos nas casas, nos mercados, nos templos, nas paisagens, nos trabalhos dos campos, nos rios, no mar; nas oficinas do oleiro, do tecelão, do ferreiro, do entalhador e gravador sobre madeira; do construtor de casas, de barco; dos penteados, das escarificações e das pinturas sobre o corpo, todos buscando e expressando diferentes modelos de beleza.

Ele fica bastante tempo na casa de Oyá
Ele usa um grande pano vermelho
Elefante que anda com dignidade
Meu senhor que cozinha o inhame
Com o ar que escapa de suas narinas (...)
Ele ri quando vai à casa de Oxum
(Trecho de um *Oriki de Xangô,* povo Iorubá, Benin)

De característica fortemente Iorubá, contudo não exclusivamente Iorubá, são formadas as muitas Áfricas em territórios e memórias vivas e dinâmicas no Brasil.

A mitologia dos orixás, dos ancestrais Eguns, marca e determina imaginários gerais dos povos africanos, o que permite que uma ampla produção visual seja permanentemente consumida, incluindo-se aí: a música, a dança, o teatro, a comida, entre tantas outras maneiras de mostrar com orgulho as matrizes africanas.

Nesse contexto, o sentimento religioso faz com que os patrimônios sejam preservados e transmitidos no exercício de segmentos étnicos e suas convivências multiculturais em sociedades se tornem cada vez mais globalizadas.

Certamente está no foco da religiosidade o mais evidente fundamento de memória e de resistência, que se dá na experiência da fé, na emoção de pertença a uma família, a um grupo, a uma sociedade que encontra no orixá patrono, no orixá pessoal, no ancestral étnico ou de uma região, de uma cidade, os melhores vínculos de expressão de arte.

Atribuem-se, então, a uma arte religiosa os mais notáveis domínios de técnica e de estética reconhecidamente africanas, no caso, Iorubá, e dos seus encontros históricos e sociais com a matriz Fon/Ewe, todas nos mesmos territórios – Benin e Nigéria, África Ocidental.

Máscaras, objetos litúrgicos, esculturas de madeira, antropomorfas, zoomorfas e antropozoomorfas, joalheria, pano-da-costa, penteados; objetos utilitários para as casas, símbolos de ferro batido, latão, cobre, búzios, palha-da-costa, entre outros, atestam a permanente fruição da sabedoria tradicional africana.

Nos modelos Iorubá, na África, o poder religioso, agregado aos princípios geradores do mundo, expõe os lugares de homens e mulheres no amplo processo de intermediar sociedades organizadas e reguladoras: da ordem, da moral e da ética; conhecidas entre outras por Egungum, Gueledé, Igboni, Epa e Ekiti.

E ainda o poder real, destacado no Alafin de Oió, Xangô, cuja linhagem é iniciada com Odudua, depois Oranian, Ajaká e demais, seguindo a organização de conselhos formados pelos Magbás, Obás. Nesse contexto, o oxê, machado antropomorfo feito de madeira, representando o sentido de justiça, do poder do rei que controla o fogo e as tempestades, e o adê, coroa, também chamado adê Baine, que marca o símbolo real do Alafin e seus descendentes.

Outra categoria divina, no âmbito dos orixás, são os gêmeos representados pelos *Ibejis*, protetores das casas e das famílias, relacionados à fertilidade das mulheres, e por isso cultuados com comidas à base de dendê e pinturas de pigmento azul, chamado *waji*, determinando assim o seu caráter sagrado.

Para os Iorubá, a comunicação entre a pessoa, o orixá e o ancestral é a base das muitas e complexas relações hierarquizadas em diferentescontextos do sistema social desse povo. Isso se dá com a consulta ao *babalaô*, por meio de um processo elaboradíssimo chamado opelê ifá, quando Orumilá aponta para os odus, sinais do destino, da vida e da morte.

Outro importante tema para o equilíbrio do povo Iorubá é a sociedade das máscaras Gueledé. Essa sociedade expõe publicamente as mães ancestrais, seu poder de controlar a fertilidade, a vida.

As máscaras têm base formal no rosto humano, mas incluem também animais, cenas sociais, históricas, mitológicas e papéis políticos e religiosos das comunidades onde exibem o seu poder e a sua função de controle social. A especificidade dos papéis representados estabelece grupos de máscaras com características afins, e tipologias como: *akô, baká, mundiá, tetedê, okunriu, onilu, ixá-oiô, alopajanja, eledê e woogbá woobárasan.* Todas as máscaras trazem antigas memórias e são também contemporâneas, comunicando-se com o cotidiano.

> *Todos os Iorubá têm a marca do banjá, pois são filhos da pantera, reconhecidos nos três lanhos em cada face. Marcam e mostram a descendência de uma longa família iniciada por Olodumaré e outros orixás criadores do homem e do mundo.*
>
> (*Tradições orais afrodescedentes,* Bahia)

Embora um oceano chamado Atlântico separe as duas costas, África e Brasil, vive-se cá profunda emoção de lá.

Nós, brasileiros, somos tão próximos, tão herdeiros de matrizes africanas, que muitas de nossas experiências reafirmam o reconhecimento de viver costumes e tradições de lá, com a energia criadora de cá.

Raul Lody
Antropólogo

Coleção Antonio Olinto e Zora Seljan – Exposição África a arte do tempo – SESC Rio
Fotografia: Catálogo da Exposição África a arte do tempo – Francisco Costa

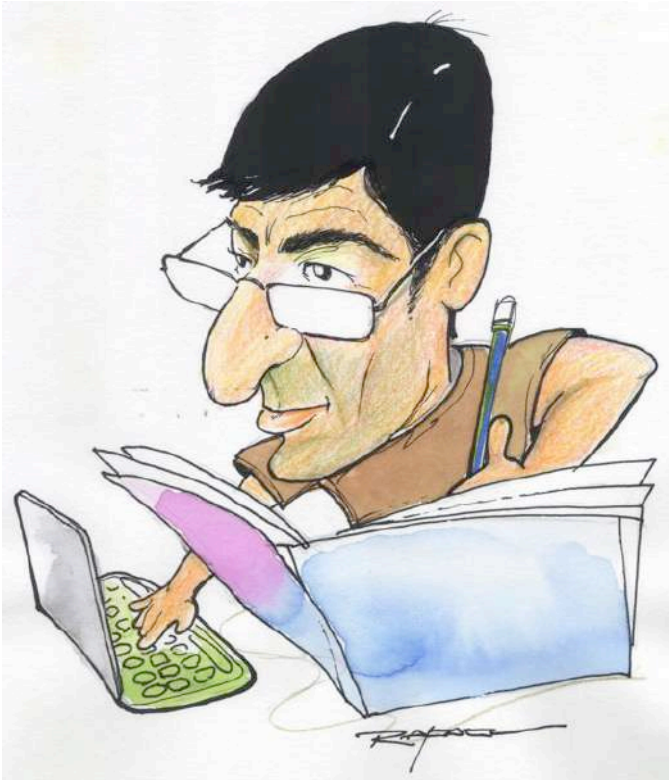
Sítios recomendados: brasilescola.com/geografia/africa; suapesquisa.com/afric; memoria-africa.ua.pt; fportugalafrica.pt

Narrar para viver

Nós falamos muito, mas o que sai de nossas bocas pode estar tão vazio quanto vazios estiverem nossos corações.

Há algum tempo, li um artigo cujo autor não lembro, num jornal que não sei bem qual foi, e que me contava a respeito de uma pesquisa científica sobre a impossibilidade de nos lembrarmos de como transcorreram os primeiros anos de nossa infância. Entre outras "verdades", tal pesquisa concluía que os infantes guardam na memória apenas aquilo que lhes foi contado em forma de histórias. Remeti-me, então, aos meus tempos de infância, não para tentar lembrar fatos lá ocorridos, mas para relembrar as minhas histórias, as minhas brincadeiras, os meus jogos. São tantas as histórias, tantos os jogos da imaginação, e é apenas através deles que eu posso, hoje, recontar o que foi a minha vida durante aqueles anos. Eu vivi aquelas histórias, vivi naqueles jogos.

Hoje, nas infelizmente poucas discussões que travamos dentro da escola, percebo que entre meus colegas professores vigora a idéia de que há uma barreira interposta, um muro a separar aluno e livro. Vigorar uma idéia não é bem a expressão; melhor seria dizer que há um muro de fato, um muro concreto, sólido, pois quando falam "muro", eu sinto o muro saindo de suas bocas.



Como esse muro mítico cria vida própria e irradia seus nefastos efeitos – como a dádiva, no *potlatch* primitivo – é algo a ser pensado, não sem uma certa ironia. Não faltam teóricos de todas as correntes, pesquisadores, críticos, pedagogos, comunicólogos, sociólogos da cultura de massa – desses que pensam em corrente e que são verdadeiros acorrentadores do pensamento – a virem colocar tijolos a mais no muro, alimentando o mito, na intenção de decifrá-lo e a pretexto de desmascará-lo. A ironia maior é que se trata de um muro de palavras, escritas ou faladas; as mesmas (?) que serviram e servem ainda para nos contar e para contarmos e recontarmos as mais belas histórias. Aqui, já cabe uma indagação: não estará esse muro muito mais entre os professores e as histórias, entre os adultos e a fantasia?

Falávamos em pensamento mítico; deixo-me, então, levar a um certo livro de um certo pensador da modernidade que me contou que o destino do pensamento racional é voltar-se para o mito, não como volta à origem, mas como repetição que traz em si a diferença da circunstância. O mito volta no cientista que, repetindo o sacerdote-xamã, faz do laboratório seu círculo mágico, dentro do qual o ritual da evocação de um muro faz acontecer o muro.

É verdade, então, que o pensamento mítico persiste, que pode ultrapassar e rejeitar suas expressões anteriores, tornadas obsoletas pela História, e adaptar-se às novas condições sociais, às novas modas culturais. Alguém me respondeu afirmativamente num outro livro, e é narrativa tornada realidade.

Vivemos, hoje, na "civilização da imagem". Dizem isto, isso se torna uma "verdade" e, daí, a imagem passa a exercer um império. A civilização da escrita, que superara a civilização oral, pela da imagem foi superada. Superação como negação. Significa dizer que o pensamento racional, que pretendera superar o mítico, não conseguiu nem superar o hábito de pensarmos por oposições. Será a nociva dicotomia que nos move o desejo de retornarmos aos livros como forma de salvação? Estamos sempre precisando de salvação contra monstros que nós próprios criamos. Nesses momentos, batem-nos, invariavelmente, a nostalgia e um desejo de retorno às origens, algo do tipo "Dos livros viemos, a eles devemos retornar." A civilização da escrita, tão criticada pelos nostálgicos da oralidade perdida, aparece agora como nosso refúgio, o ninho aconchegante de onde não deveríamos ter saído. Há, nessa pretensão de retorno, o mesmo religioso desejo de reconciliação (religação – *religare* – *religio*) com a religião do éden, a mesma antiga nostalgia do paraíso perdido. É quando, então, arrependidos, recitamos os cânticos de adoração, para que tudo volte ao estado original, para que nossas culpas sejam dadas, enfim, por expiadas e caiamos novamente nas graças do deus-pai primordial. O livro é, hoje, o nosso lugar sagrado, que foi profanado e que precisamos purificar; é a igreja a que precisamos voltar. Equivocamo-nos.

O pensar por oposições joga-nos sempre no equívoco. Ao pensarmos assim, por seriação, cada segmento negando o antecedente e o subseqüente, e sendo por eles negado, caímos no erro de pensarmos que estamos pensando a coisa mesma, objeto de nossa reflexão, e estarmos sempre pensando e falando de outra coisa. O pensamento por oposições é um verdadeiro jogo de luz e sombra: para iluminar um lugar precisa jogar o resto na escuridão. Assim, para relevar o livro, negamos a imagem e, nessa ânsia de (re)elevação, jogamos a oralidade também no esquecimento e, aí, acabamos falando do nada para o nada. Não conseguimos chegar ao diálogo entre as coisas para com elas dialogar; de cada lugar falamos sozinhos e não conseguimos falar sobre coisa nenhuma, pois é sempre outra a coisa, que não se reduz ao isolamento que tentamos lhe impor e que teima no abraço com o todo, abraço sensual que, em vão, tentamos separar.

Foto: J.W.Freire

Oralidade-escrita-imagem: complexão e completude que só alcançaremos se superarmos, sem negação, a dádiva recebida do iluminismo e lhe dermos a devida contradádiva do pensamento-ação re-iluminado.

Por tudo isso, quando ouvirmos, hoje, falar "livro" ou em dificuldade de fazer ler um livro – Cuidado! –, precisamos investigar com atenção o que estiveram pensando e sobre o que estão nos falando.

Que persistente hábito de construir muros de palavras! Já estou eu aqui a usar palavras como se fossem tijolos numa geometria complicada!

O que pretendia mesmo era dizer a meus colegas professores que, para superarmos o muro, precisamos, antes, superar esse medo mítico entre nós, desmistificar o livro e usar nossa capacidade de criar e de acreditar em nossas fantasias, para coisas menos fantasmagóricas e mais prazerosas. Precisamos, colegas, redescobrir a criança em nós, nossa dimensão lúdica, desaprendida na aprendizagem

das coisas ditas "mais sérias", e o prazer de mergulhar no mar de história, de entrar no mundo de fantasias e de invenções, mundo mágico, pletórico, excessivo, que nenhum método, nenhuma sistematização, nenhuma geometria consegue esquadrinhar e dominar. Feito isso, estaremos prontos para enfrentar o monstruoso muro e, como novos Perseus, jogar com a enigmática esfinge-efígie da, apenas fabulosa, Górgona-Medusa, sem a angústia de ter de decifrá-la e sem a passiva aceitação de seu enigma. Que tal contar-lhe uma bela história, uma dessas velhas e boas histórias que resistem a todos os trancos? Não seria essa a contradádiva, necessária no *potlatch*, para anular os efeitos nocivos do muro e dizer-lhe: "Não me decifrou, dançou! Devolvo-lhe, agora, fruto de seu enigma, o meu enigma mil vezes multiplicado."?

Entremos no jogo, entremos na fantasia, entremos na história, não como os monstros ou os heróis que já não seremos, mas como guerreiros do desejo contra os guardiões do laboratório, como membros da tribo, no ritual do círculo mágico e sempre aberto das palavras-imagens apaixonadas. Contemos e recontemos nossas mais belas histórias. Peçamos que nos contem e recontem as deles. Deixemos de ser e de formar esses adultos desmemoriados, sérios, lógicos, frios, calculistas, puros geômetras, filósofos duros, acorrentados acorrentadores da fantasia; esses que inventam muros como inventam bombas: para ficarem paralisados de medo diante de seus próprios fantasmas.

Não deixemos de lado o muro; não nos esqueçamos do monstro; não nos descuidemos, abandonados, no abandono a que fomos jogados pelos encastelados súditos do Reino do Laboratório. E justamente por não nos esquecermos de que o inimigo é forte e da nossa condição de sujeitos de nossa própria história é que precisamos estar sempre alertas, cuidando para que não falte o ar, a água, o alimento da imaginação e da fantasia em nossos domínios. Como guerreiros, precisamos estar robustos e ir robustecendo nossos futuros heróis.

Voltemo-nos para os nossos alunos. Nossos infantes estão ali, como guerreiros em potencial, como pura virtualidade; nossa possível redenção e glória ou nossa futura ruína total.

Não haja, nesse cuidar, nada de sistemático, de metódico; nem muito de científico, de metodológico. Voltemos apenas ao prazer de ler e de escrever, de contar e de ouvir, de criar e recriar as mais belas histórias. Tracemos nosso círculo ritual e recitemos nossos mitos de origem. Estão todos guardados e resguardados nos livros e na memória oral da tribo, mas dados à luz, jorrando em abundância para os que estão conectados ao mar de histórias.

Oralidade, escrita, imagem são nomes do mesmo desejo, traços do mesmo círculo, se os sabemos unir, no ato da criação apaixonada, em sensual e criativo abraço.

De repente, procuramos o muro e... Não; ele ainda está lá. Mas o que é agora o muro, para nós que o encaramos de dentro de nosso círculo mágico? E para que existem muros, senão para serem atravessados? Evoquemos e façamos baixar nossos heróis, nossos guerreiros, nossos duendes, nossas fadas-madrinhas, nossas bruxas, nossos aladins, nossos gênios, nossos caiporas, nossos sacis, nossas uiaras, e vamos com eles enfrentar o monstro. A propósito, você se lembra de alguma boa história que não tenha o seu monstro terrível?

Criei um muro de palavras, mas o que queria mesmo era contar uma boa história. Preciso exercitar mais. Então, vamos lá: "Era uma vez um belo país dividido por um muro altíííííssimo..."

Welington Machado
Professor de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira

O PODER DA IMAGEM

... Apesar do poder avassalador da imagem em nosso século, sempre restará algum lugar para aquele expoente da vida sobre a face da Terra: o homem.
M.W. de Castro

O grito de alarme foi dado há quase um século pelo poeta e cronista Olavo Bilac. Prevendo nada menos que o desastre irreparável para os jornalistas e escritores, devido à invasão da fotografia e outros recursos visuais, ele escrevia numa crônica intitulada "Fotojornalismo" (*Gazeta de Notícias*, em 13/01/1901):

> "Vem perto o dia em que soará para os escritores a hora do irreparável desastre e da derradeira desgraça. Nós, os rabiscadores de artigos e notícias, já sentimos que nos falta o solo debaixo dos pés... Um exército rival vem solapando os alicerces em que até agora assentava a supremacia: é o exército dos desenhistas, dos caricaturistas e dos ilustradores. (...) Já ninguém mais lê os artigos. Todos os jornais abrem espaço a ilustrações copiosas que entram pelos olhos da gente com uma insistência assombrosa. As legendas são curtas e incisivas: toda a explicação vem da gravura, que conta conflitos e mortes, casos alegres e casos tristes."

Descubro essa curiosa citação na introdução da professora Maria Inez Turazzi para um número especial da Revista do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional sobre o tema fotografia que ela organizou com a maior competência. A crônica de Bilac é do tempo em que reinavam na caricatura Calixto e Raul, e ainda não tinham entrado em atividade outros mestres do gênero como J. Carlos, Belmonte e Alvarus. É um momento de reviravolta na história da imprensa mundial, tal como se refletia no Brasil.

Daí por diante se sucederam profecias catastróficas sobre o destino dos escrevinhadores, não só os "jornalistas de texto" como os produtores de literatura. Estaríamos condenados, ai de nós. Nossos últimos rabiscos seriam guardados daqui a alguns milênios (se é que o mundo dura até lá) com o mesmo respeito que nos merecem hoje as pinturas rupestres da gruta de Altamira.

A fotografia veio para ficar. Tomou conta do espaço de primeira página dos jornais mais conservadores e tradicionais. A transmissão instantânea da imagem, dos lugares mais distantes do mundo, consagrou o poder da televisão na mídia moderna. Aí os jornalistas como que são redatores de legendas ou repórteres que comentam cenas captadas ao vivo, no nascedouro.

O próprio poder da imagem, entretanto, não é absoluto no mundo de hoje, graças aos progressos da informática. Uma técnica revolucionária fez com que a fotografia perdesse a sua força documental incontestável. Hoje ela pode ser falsificada com uma perfeição de tal maneira diabólica que a foto deveria ser autenticada, como propõe o fotógrafo Renan Cepeda, com a mensagem "fotografia desplugada" ou "fotografia sem manipulação digital". A mencionada pesquisadora Maria Inez Turazzi chama a atenção dos menos informados nessas técnicas (como é o meu caso), advertindo que a manipulação da imagem fotográfica com o uso da tecnologia digital suscita em certos casos uma apreciação ética.

Já que estou nesse tema, vou adiante com uma opinião de Geoffrey Batchen, em artigo na mesma revista. Ele sustenta que a imprensa sempre manipulou as imagens, de um modo ou de outro. E mais:

> "A história da fotografia está repleta de imagens que foram manipuladas de alguma maneira (...). Afinal, o que é a fotografia senão a manipulação de níveis de luz, tempo de exposição, concentrações químicas, graduações de tonalidade e assim por diante? Artifício, de um tipo ou de outro, é uma parte inseparável da vida fotográfica".

E conclui*:*

> "Mesmo que um computador venha a substituir a câmera tradicional, esse computador continuará dependendo do pensamento e da visão de mundo dos seres humanos que o programam, controlam e dirigem..."

Ainda bem. Assim ficamos mais tranqüilos, embora quase um século nos separe daquele susto precursor manifestado pelo então chamado "príncipe dos poetas brasileiros". Uma opinião autorizada nos assegura que, apesar desse poder avassalador da imagem em nosso século, sempre restará algum lugar para aquele expoente da vida sobre a face da Terra: o homem. E nessa feliz hipótese, deverá sobrar um espaçozinho também para o *homo scribens* e suas garatujas.

Moacyr Werneck de Castro.
Jornalista e escritor
Jornal do Brasil, 20/07/99

RESENHA

TRILOGIA "ALMA DA ÁFRICA", DE ANTONIO OLINTO

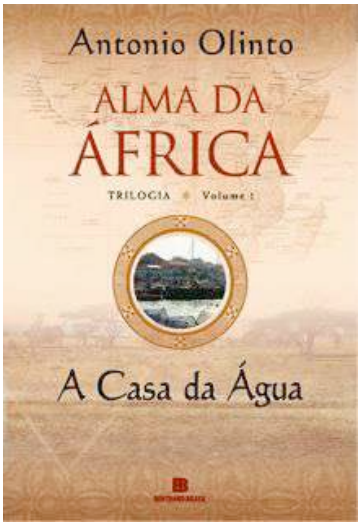
UMA PONTE DE PALAVRAS ENTRE O BRASIL E A ÁFRICA

Nascido em 1919 na cidade de Ubá, Minas Gerais, Antonio Olinto, membro da Academia Brasileira de Letras, mantém profunda relação com as palavras. Desde cedo, produziu literatura, tendo publicado uma obra vastíssima – poesia, romance, ensaio, crítica literária, literatura infantil, dicionários e análise política – no decorrer da vida, além de ter estudado Filosofia e Teologia. Lecionou Latim, Português, Francês, Inglês, História da Literatura e História da Civilização, fez crítica literária (assinando a saudosa coluna "Porta de Livraria" n' *O Globo*) e apresentou os primeiros programas literários da televisão brasileira (nas TVs Tupi, Continental e Rio). Até que, em 1962, foi nomeado Adido Cultural em Lagos, na Nigéria.

Tal experiência marcou profundamente sua vida e deu início ao contato duradouro com a rica cultura africana. Antonio Olinto, a partir de então, passou a dedicar-se a estudos sobre a influência negra no Brasil e sobre a presença brasileira na África. Envolvido nas questões de independência das colônias africanas, iniciou, ao lado da mulher, a jornalista e escritora Zora Seljan, uma coleção de preciosidades da arte daquele continente (que se tornou uma das maiores do Brasil e vem sendo continuamente exposta nos últimos anos). Escreveu o romance que seria aclama - do como sua obra prima: *A Casa da Água*, publicado originalmente em 1969.

Volume inicial trilogia nomeada por Olinto como "Alma da África", *A Casa da Água* foi sucedido pelos igualmente marcantes *O Rei de Keto* (1980) e *Trono de Vidro* (1987) – série que recém-relançada pela Editora Bertrand Brasil em luxuosas edições. São leituras primordiais para os que desejam conhecer e desvendar a riqueza de outras culturas, e descobrir ao mesmo tempo que a distância entre Brasil e África é muito menor do que a imaginada. Para Cícero Sandroni, atual presidente da Academia Brasileira de Letras, "nos romances 'africanos' de Antonio Olinto o autor não apela ao pitoresco ou ao folclórico, recursos fáceis para um escritor talentoso e experiente que, ao escapar das armadilhas do popularesco, não desdenha da peripécia ou não se recusa a narrar os costumes locais, nem sempre familiares ao leitor brasileiro".

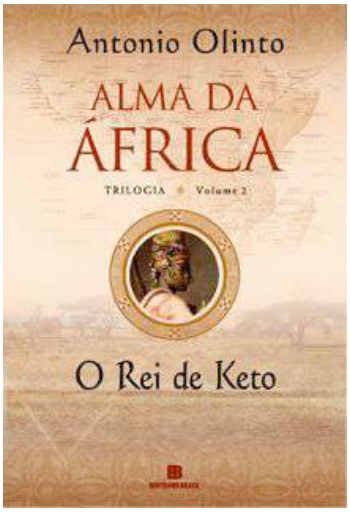
O clássico romance *A Casa da Água* propõe uma viagem por diferentes terras, culturas e tradições, partindo da América do Sul e seguindo em direção à África. É no percurso por esses ambientes tão distintos que a Mariana, neta de Catarina, enfrenta a passagem da infância para a adolescência, em uma transição em que se misturam as brincadeiras da menina com os sonhos da mulher.



Catarina nasceu em Lagos e foi vendida pelo tio a um senhor brasileiro que morava no Piau, em Minas Gerais. Apegada às lembranças de sua infância, carrega desejo ardente de voltar à terra natal. Após uma enchente que atinge Piau, a velha, acompanhada pela filha Epifânia e pelos netos Mariana, Emília e Antônio, deixa a cidade em busca de seu sonho. Passam por Juiz de Fora, Rio de Janeiro e Bahia, de onde partem, para a travessia do Atlântico. Depois de enfrentar dias e noites de angústia a bordo do navio Esperança que fica encalhado no mar, a família finalmente chega ao seu destino. A partir de então é

possível acompanhar as transformações pelas quais a menina Mariana atravessa em sua vida no "novo" continente. É com ela que nos aproximamos dos costumes dos *iorubás* – como o uso de enfeites de búzios, a homenagem aos antepassados, o culto aos orixás e a celebração da morte como simples transição, entre muitos outros aspectos.

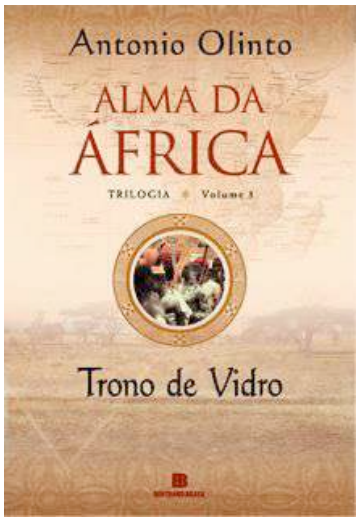
O escritor e historiador Alberto da Costa e Silva afirmou que, em *A Casa da Água*, "Antonio Olinto escreveu um admirável romance sobre a nossa África, tão distinta da África que aparece nos jornais, na televisão e no cinema, um romance cuja leitura, em tantos momentos, nos comove e umedece os olhos. É mais que um belo livro, repiso. É um grande livro, vivido com intensidade e paixão, e assim escrito".



Em 1980, cada vez mais encantado com a arte, o folclore e as histórias africanas, Antonio Olinto escreveu *O Rei de Keto*, segundo volume da trilogia, protagonizado por mais uma personagem marcante: Abionan, a vendedora que pertence a uma das cinco famílias reais de Keto. Tendo por base o provérbio iorubá que diz que "*mãe é ouro, pai é vidro*", Olinto retrata uma sociedade predominantemente feminina. Nesta obra, Abionan – amiga da velha Mariana, que saiu da Bahia com a avó Ainá, a mãe e os irmãos com destino a Lagos – pensa constantemente no filho que poderia ter sido Alaketo, rei de Keto, caso não houvesse morrido tão pequeno.

O livro traz aspectos da crença dos iorubás nas histórias contadas pelo adivinho Fatogum, que mistura as lendas tradicionais com suas próprias invenções. Relata também questões universais, como a ganância pelo poder – motivo pelo qual Abionan crê que o filho foi assassinado pelo tio Olaitan, desaparecido após a morte do menino.

Por fim, no terceiro volume da série, o autor apresenta ao leitor uma nova Mariana, neta da velha Mariana que protagonizou *A Casa da Água.* Em *Trono de Vidro*, publicado pela primeira vez em 1987, a menina de 25 anos é acometida constantemente por lembranças do pai morto em 1968, o ex-presidente Sebastian Silva, e deseja, por motivações políticas, retornar a Zorei, cujo poder está nas mãos de militares que lhe impuseram uma ditadura.



Com o sonho de que haja pão, justiça, trabalho e felicidade para todos, Mariana é levada a assumir a liderança de um Sebastianismo distinto daquele que em Portugal significa a crença e o desejo de um retorno de Dom Sebastião, rei morto na batalha de Alcacerquibir. Desta vez o movimento, também messiânico, faria retornar os ideais de Sebastian, o ex-presidente da República de Zorei assassinado, e salvaria o país de um governo injusto.

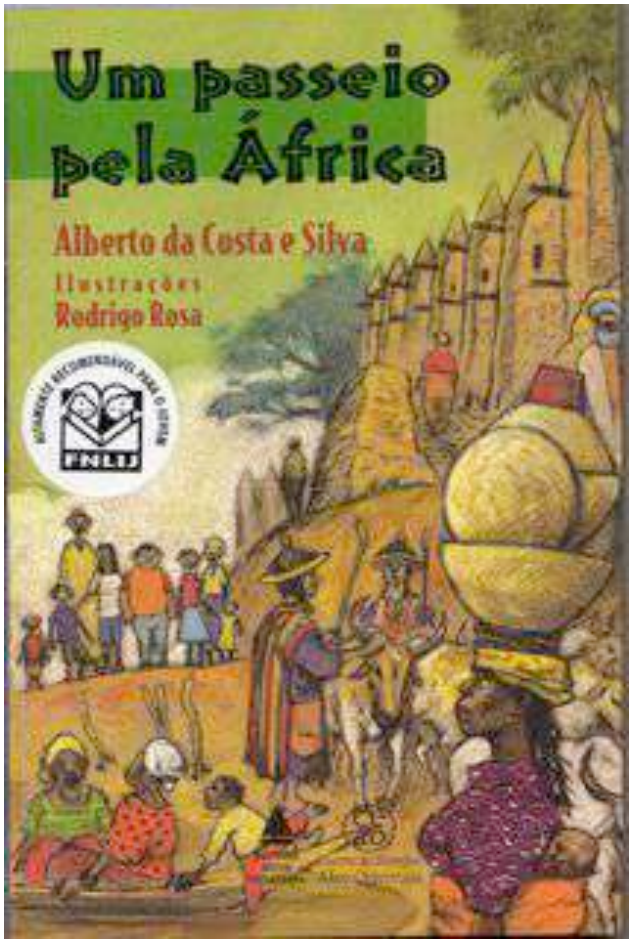
Nas palavras do bibliófilo e acadêmico José Mindlin, "a África e seus problemas políticos e humanos desde a independência das antigas colônias é um dos focos importantes da trilogia que se encerra com este volume. Em sua obra, o autor, que foi Adido Cultural em Lagos, na Nigéria, na década de 60, alia seu grande talento de romancista à sua experiência profissional na África, produzindo romances muito bem escritos e que prendem o leitor do começo ao fim."

Nenhum outro escritor teve tanto sucesso na tentativa, de unir, através da literatura, duas culturas tão próximas porém separadas por um oceano: Antonio Olinto cria uma verdadeira e resistente ponte de palavras entre o continente africano e este país de proporções continentais.

Editora Bertrand Brasil

RESENHA

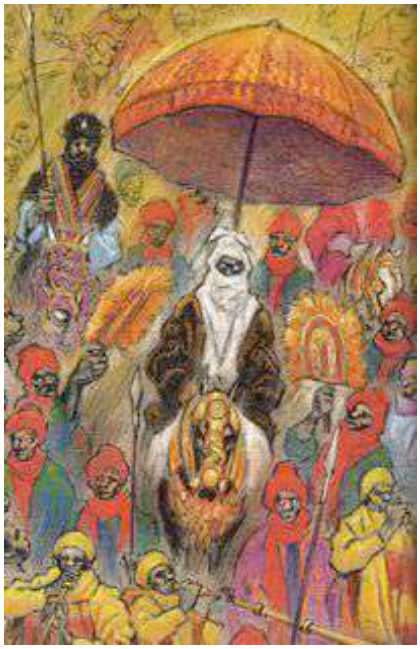
Um passeio pela África



O acadêmico Alberto da Costa e Silva, companheiro de Antonio Olinto na Academia Brasileira de Letras e como ele um estudioso da história e da cultura africanas, escreveu um livro diferente. Em *Um passeio pela África* (Nova Fronteira), ele descreve a aventura de três crianças que passeiam pela realidade africana, atravessando áreas do deserto, buscando o alívio do calor em oásis, descrevendo uma realidade desconhecida e muitas vezes árdua.

Pouco a pouco, o autor apresenta cada cidade por onde as crianças passam, onde encontram um guia diferente a cada chegada. As origens, as tradições, os costumes são trazidos aos leitores de uma maneira atraente, instigante, despertando, a cada página, a curiosidade e o interesse.

Ali também encontramos os *amarôs,* os *agudás*, ou simplesmente os *brasileiros*, comunidades de descendentes de ex-escravos retornados ou migrados para a África, após 1888, que assimilaram modos de vida que ajudaram a desenvolver no Brasil: *Até hoje, aqui se dança o bumba-meu-boi ou burrinha, se come feijoada, se solta pipa...*



Muitas coincidências de costumes, palavras, crenças vão sendo mostradas, reafirmando a riqueza da cultura africana na formação da cultura brasileira.

As ilustrações de Rodrigo Rosa, mais do que descrever as cenas, envolvem os leitores em suas cores quentes e alegres e substituem as fotografias pois, como o autor relata, *os africanos, em sua maioria, não gostam de ser fotografados. Alguns afirmam que a fotografia pode roubar-lhes a alma. Outros, que lhes tira dias de vida. E há muitos que não querem ver sua intimidade invadida ou ser motivo de curiosidade.*

Anna Rennhack
Mestre em educação, pedagoga, editora de livros infantis e didáticos

Requerimento

O cidadão, ao se dirigir a uma autoridade para solicitar algo que se julga com o direito de pedir, deve utilizar o instrumento legal que encaminha tal pedido: o requerimento. Nele o interessado faz solicitação ou reivindica a correção de ato administrativo que o tenha prejudicado, indicando, se possível, o embasamento legal de seu pedido. Esta é a recomendação do Manual de Redação Oficial do Estado do Rio de Janeiro, instituído pelo Decreto n.º 28.169/01 e alterado pelo de n.º 28.463/01.

Nas solicitações às autoridades, é necessário redigir textos objetivos, enxutos e econômicos, observando a importância de cada palavra: a economia vocabular exige particular cuidado na elaboração dos expedientes.

Elementos do requerimento:

1. Vocativo: a palavra *Senhor*, precedida da forma de tratamento, o título completo da autoridade a quem se destina, seguida de vírgula.
2. Preâmbulo: nome do requerente (em maiúsculas), seguido dos dados de identificação: nacionalidade, estado civil, filiação, idade, naturalidade, domicílio, residência, etc.
   2.1 Sendo funcionário do órgão, o requerente apresenta apenas os dados de identificação funcional.
3. Texto: exposição do pedido, de forma clara e objetiva, citando o fundamento legal que permite a solicitação.
4. Fecho: parte que encerra o documento, usando-se alinhada à esquerda a fórmula: *Nestes Termos, Pede Deferimento*.
5. Local e data, por extenso.
6. Assinatura do requerente.
7. Documentos anexos.

Observação: Entre o vocativo e o preâmbulo é praxe deixarem-se oito espaços.

EXEMPLO:

Excelentíssimo Senhor Governador do Estado do Rio de Janeiro, (1)

JOSÉ JOAQUIM DE CAMPOS, agente administrativo, nível I, matrícula n.º 0000-0, lotado na Secretaria de Estado de Educação, com exercício no Departamento Geral de Administração, (2.1) requer revisão de seus proventos com base no Art. 00 do Decreto n.º X, de 01/01/2007, por discordar dos valores que lhe foram consignados em contracheque (anexo), pois solicitou o *abono de permanência* facultado pelas Emendas Constitucionais n.º 20/98 e 41/03, bem como pela Lei Estadual n.º 3.189/99, tendo optado por permanecer em atividade, mesmo após completar as exigências para a aposentadoria voluntária. Requer, ainda, usufruir dos benefícios outorgados pelo *Estatuto do Idoso*, Lei n.º 10.741/03, por já haver ultrapassado os 65 anos. (3)

Nestes Termos, (4)
Pede Deferimento. (4)

Rio de Janeiro, 26 de abril de 2007 (5)

Assinatura (6)

Anexos: (7)
01 - Cópia do último contracheque
02 - Cópia do Decreto n.º X, de 01/01/2007*
03 – Cópia da Lei Estadual n.º 3.189, de 22/02/1999*

Obs.: Não é essencial anexar cópias da legislação.

Helenice Valias e John Wesley Freire

Sobre Abreviaturas, siglas e símbolos

O acelerado ritmo da vida contemporânea tem marcado as relações humanas por uma tendência à elocução mais rápida, com redução de frases e palavras, quando longas. No léxico da língua portuguesa encontram-se inúmeros exemplos:

Ex.: moto (por motocicleta), *fone* (por telefone), *pneu* (por pneumático), *foto* (por fotografia), etc.

Mas, além da abreviação vocabular, fato natural na língua, há necessidade de se normatizar o uso das inúmeras abreviaturas que fazem parte do nosso universo lingüístico.

Como nos ensina o Prof. Evanildo Bechara, filólogo da Academia Brasileira de Letras (*in* Gramática escolar da língua portuguesa, 1.ed., Rio de Janeiro: Lucerna, 2001, pág. 642), constitui abreviatura "a forma convencional para, na escrita, representar parte da palavra como equivalente ao todo. Em geral termina por ponto abreviativo".

Ex.: etc. (abreviatura da expressão latina *et cetera* = e as demais coisas);

Av. (avenida); *obs.(observação); tel.* (telefone), *pl.* (plural).

O autor distingue, ainda, sigla e símbolo. Por *sigla* entende "a abreviatura pelas letras iniciais de expressões referidas a países, instituições, etc."

Ex.: PF, para *Polícia Federal*; *Unesco*, para *Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura; Faperj*, para *Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro.*

Denomina *símbolo* "a abreviatura de nomenclaturas científicas internacionalmente adotadas".

Ex.: km = quilômetro(s); kg = quilograma(s); ha = hectare(s)

Observações do Prof. Bechara:

- é desejável que se termine a abreviatura por consoante e, havendo grupo consonantal, mantê-lo: *hist.* para história; *prep.* para preposição; *abrev.* para abreviatura;
- mantém-se o acento gráfico na abreviatura da palavra que o contenha: *pág. /págs.* (página / páginas);
- abrevia-se com duas letras maiúsculas e sem ponto o nome de Estados: *RJ*, *MG*, *CE*, *PE*, *etc.*;
- à exceção de *maio*, que não admite abreviação, e *agosto*, abreviado por *ag.*, os nomes de meses são representados pelas três letras iniciais e ponto; assim, *jan.*, *fev.*, *mar.*, *abr.*, *jun.*, *jul.*, *set.*, *out.*, *nov.* e *dez.*;
- indica-se ou por uma letra maiúscula a representação dos símbolos químicos – *I* (iodo) – ou por duas, a primeira maiúscula e a segunda minúscula – *Ca* (cálcio) –, sem ponto;
- são igualmente sem ponto e sem plural as abreviaturas do sistema métrico: *8cm* (centímetros), *3l* (litros), *5h30min18s* (horas, minutos, segundos), etc.;
- geralmente não se separam por ponto as letras de muitas abreviaturas e siglas: *ONU*, *PMDB*, *CPMF*, *CEP*, *ABNT*, etc.;
- formam o plural com s as abreviaturas obtidas pela redução de palavras – *sécs.* (séculos), *profs.* (professores) –, as siglas – *CPFs*, *CIEPs*, *TVs*, etc. – e as formas de tratamento – *Srs.*, *Drs.*, *V.S.*[as], etc.;
- o plural pode ser indicado pela duplicação das letras: *pp.* (páginas), *EE.* (editores), *AA.* (autores), etc.;
- a duplicação das letras também pode marcar o superlativo: *DD.* (Digníssimo), *MM.*(Meritíssimo), etc.

Helenice Valias
Mestre em Literatura Brasileira
Prof. de Língua Portuguesa da SEE/RJ

Por uma civilização florestal para o Brasil

O Brasil, quando da chegada dos europeus, podia ser visto como uma terra quase continuamente coberta de florestas. Todo processo de conquista e ocupação de seu território foi feito pela da destruição de largas extensões florestadas. Só para exemplificar, é famoso o incêndio ateado por Garcia D'Ávila[1], senhor da Casa da Torre, no Recôncavo Baiano, que durou meses e foi se extinguir nas barrancas do São Francisco. Seu objetivo era criar pastagens para implantação da pecuária.

O conquistador português via a floresta como um espaço cheio de riscos e prenhe de ameaças. Ora era a fera, ora a cobra traiçoeira, ora o índio arredio e ressentido. Assim, o estabelecimento de fazendas e casas-grandes, exigiu, desde logo, a eliminação das florestas. Em fase posterior, o estabelecimento da cultura açucareira demandou, cada vez mais, maiores extensões de terra desflorestadas e entregue ao plantio da cana.

Nos séculos seguintes, a criação dos núcleos urbanos e das vias de comunicação se cumpriu através da destruição e do retalhamento da floresta primitiva. As tentativas de ocupação da região amazônica ocorreram sob a metodologia de destruição florestal.

Mesmo recentemente, no tempo das ditaduras militares, a temática da ocupação do espaço amazônico era baseada no retalhamento da floresta contínua, pela passagem de estradas abertas, sem restrições ecológicas (Cuiabá-Santarém, Transamazônica, Perimetral Norte, etc.), e na concessão de largas extensões de terra a quem tivesse capacidade de eliminar as florestas e implementar pastagens. E isso tudo com incentivos fiscais. Houve mesmo um Ministro do Planejamento que proclamava aos quatro ventos: "Conquistaremos a Amazônia à pata de boi".

E o epílogo de tudo isso foi um gigantesco fracasso. Esqueceram-se de que a ocupação da Amazônia, desejada sob certos aspectos, nunca será obtida em obediência a preceitos técnico-administrativos. Isso é atestado pelo fracasso dos técnicos americanos de melhor qualidade, na Fordlândia e em Belterra[2]. Mesmo recentemente, o exemplo do empreendimento do Jari[3] não é animador.

Para bem aproveitar os valores econômicos que a floresta encerra, a primeira condição é um sólido lastro de pesquisas, até hoje não concluído. Já devastamos algo em torno de 15% da Amazônia e nada de definitivo ou estável, como sistema de exploração de recursos naturais, foi obtido.

Criou o país sucessivos órgãos de defesa e incentivo florestal, IBDF, Ibama, etc., e os seus desempenhos não tem sido nada brilhantes. Paralelamente à formulação de códigos, textos, leis, portarias, cheios de sutilezas, quanto a um efetivo programa de manejo dos valores florestais, estabeleceu-se um sistema clandestino de corrupção que vem permitindo formas de exploração florestal ao arrepio de todas as medidas conservacionistas emitidas.

Na hora atual, faz-se necessário estabelecer uma consciência nacional em relação ao manejo de nossas florestas. A nação deve conhecer o seu patrimônio florestal e recusar-se a admitir que ele possa ser usado em benefício de grupos políticos, máfias internacionais e aventureiros sem escrúpulos.

Toda a nossa experiência de cinco séculos de domínio de uma cultura advinda da Europa, nos permite ver que o Brasil sem florestas será um país inviável. Olhemos um pouco para o exemplo do sistema atlântico de vegetação, mais conhecido pela designação pouco abrangente de Mata Atlântica.

Era ele o *bioma*[4] mais rico, mais diversificado e mais imponente de todas as nossas grandes formações vegetais; em 500 anos, utilizando os recursos oriundos de sua devastação, do trabalho sobre os solos por ela ocupados, conduziram-no à exaustão. Hoje, pouco mais de 10% de sua primitiva área ainda está coberta de florestas. Cabe não esquecer que parte dessa cobertura florestal é representada por florestas secundárias, formadas sobretudo pelo processo de regeneração natural.

Foram recursos oriundos do sistema atlântico de vegetação que financiaram nossa história econômica. A retirada de nossas madeiras nobres para uso ou exportação (pau-brasil, jacarandá, etc.), a implantação da cultura açucareira, das fazendas de criação de gado, os plantios para produção de vegetais (café, algodão, citricultura) e o rendimento de suas exportações custearam a construção de nossas cidades, portos, rodovias, universidades, estabelecimentos militares, frotas e outros bens, as guerras de que participamos, seja para repelir invasores (franceses, holandeses), seja para garantir posições territoriais no extremo sul, tudo isso foi suportado pela superexploração dos recursos deste sistema.

Sobre a área do sistema atlântico de vegetação construiu-se o que podemos chamar de "civilização brasileira". Aí estão os grupos melhor educados, as tecnologias mais avançadas, as grandes indústrias, os centros de maior aptidão tecnológica, as instituições culturais de maior importância. Somente na segunda metade do século XX, o Brasil tomou posse efetiva das vastas extensões de sua área oeste, com a interiorização da capital. Este é um processo ainda não terminado e para o qual foram sugeridas numerosas correções.

A importância da questão florestal brasileira não tem sido até aqui bem avaliada. Nossa capacidade de manter ainda largos trechos de florestas nativas e, sobretudo, a de implantar enormes extensões de florestas antrópicas, enriquecendo nossa economia, melhorando as condições climáticas, o fluxo hídrico e a proteção dos solos, apontam-na como elemento definidor em qualquer plataforma política atual ou futura. É melhor plantar árvores do que pedir empréstimos e pagar juros.

As considerações sobre um *Plano Nacional de Reflorestamento* permitiriam, a custo módico, o combate ao flagelo do desemprego nos grandes centros. A atividade florestal realizaria um movimento contrário ao êxodo rural, dando ao desempregado urbano condições de emprego, moradia, escola para os filhos e benefícios e saúde para sua família, permitindo-lhe uma vida mais amena e mais equilibrada, por sua incorporação às frentes de trabalho florestal.

As nossas terras, hoje abandonadas e entregues à erosão, uma vez reflorestadas tornar-se-iam produtivas, contribuindo para a melhoria de nossa produção e de nossas exportações.

Do que foi dito, é possível inferir-se que cabe ao Brasil, por sua extensão territorial, por sua posição geográfica, pela capacidade operacional de seu povo e de suas lideranças, a condição única de, através de um Plano Nacional de Reflorestamento, construir um tipo de civilização baseado na energia da biomassa, na economia de produtos florestais e na fixação de elevada porcentagem de sua população ativa no campo, na construção que ora chamaremos de Civilização Florestal.

Para isso, cabe ao professor despertar no aluno a compreensão de sua relação com o meio ambiente, contribuindo para revolucionar a *educação ambiental*, aqui entendida como a forma de adequação do ser humano ao cenário que lhe cabe atuar como ser vivo, como agente de transformação e, sobretudo como participante da evolução do planeta em que está confinado.

Um professor atuante, que aproveita oportunidades, pode contribuir para a educação ambiental. Todos já ouvimos, na escola, a respeito de José Bonifácio de Andrada e Silva, o *Patriarca da Independência*, aquele que aconselhou D. Pedro (mais tarde D. Pedro I) a desligar o Trono do Brasil do de Portugal. Entretanto, o que conhecemos sobre sua obra fora da política? Quantos sabem que, além de estadista, José Bonifácio foi ardoroso defensor da natureza, um século antes, pelo menos, que se pronunciasse a palavra *ecologia* no Brasil?

Quantos de nós lemos algum texto de Bonifácio defendendo a preservação de nossas florestas? Quantos soubemos que, ao deixar o país, D. Pedro I o incumbiu de ser o professor, sim *professor* do jovem Príncipe D. Pedro de Alcântara? Quem já ouviu dizer que a Floresta da Tijuca, a maior floresta urbana do planeta, foi, em grande parte, *reflorestada* por ordem de D. Pedro II que, inspirado pelo amor à natureza de seu mestre Bonifácio, mandou retirar espécimes florestais de Guaratiba e transportá-los em carros de bois, para replantá-los nas encostas do Maciço da Tijuca?

Século e meio depois, nos deparamos pesarosos com as *profecias* de José Bonifácio se realizando: nossas florestas foram e continuam sendo regidas pelo incendiário espírito de Garcia D' Ávila. O fogo ainda é o principal sintoma da fome do lucro imediato – chamado, hoje, de desenvolvimento econômico, inserção na economia globalizada e outros eufemismos que escondem a ganância desenfreada.

Pensam os predadores do ambiente que deixarão aos filhos e netos uma grande herança? Não deixarão, também, um mundo árido, no qual a perspectiva de vida será maior para os destituídos, acostumados a viver com quase nada, do que para os próprios herdeiros que necessitam de muito para sobreviver?

Esta explanação não se completaria sem a abordagem incisiva do papel da educação e de seu elemento vetor – o *Professor* – na construção de um sistema de conhecimento, de análise, de avaliação e de proposições construtivas sobre as possibilidades de ser atingido um futuro promissor e socialmente equilibrado para o Brasil, que seja, ao mesmo tempo, garantia para a persistência de seus valores biológicos e ambientais.

Luiz Emygdio de Mello Filho *(In memoriam)*
Botânico, médico, e professor emérito da UFRJ
(Fragmento atualizado de "O homem e a árvore", *in Meio Ambiente & Educação*. Gryphus, 1999)
Fotos: Flora e fauna da Mata Atlântica – J.W.Freire

[1] *Garcia D'Ávila* – Chegou à Bahia em 1549, com Tomé de Souza, 1.º Governador-Geral do Brasil. Foi dono do maior latifúndio do país, que ia do Recôncavo Baiano ao Piauí. Para criar gado, queimou a vegetação desde as proximidades de Salvador até as margens do rio São Francisco.

[2] *Fordlândia e Belterra* – Tentativas de colonização da Amazônia, pela implantação de *plantations* – grandes áreas de monocultura – de seringueiras para a exportação. O fato ocorreu próximo à II Guerra Mundial, pois os japoneses haviam ocupado os seringais da Ásia. Com a retomada das terras orientais, perdeu-se o interesse pelo empreendimento.

[3] *Jari* Projeto agroindustrial de celulose e papel com 1.7 milhão de hectares de reflorestamento com pínus e eucalipto no Pará. Uma fábrica vinda do Japão, foi assentada no local. Realiza mineração e beneficiamento de caulim e de bauxita refratária.

[4] *Bioma* – Conjunto de grandes comunidades biológicas que, sob determinado clima, definem vegetação e fauna peculiares.

Sítios recomendados: www.redegoverno.gov.br; mma.gov.br; ibama.gov.br; vivaolinux.com.br

CHAPEUZINHO VERMELHO EM VERSÕES

Nossas vidas são marcadas por inúmeros ritos de passagens. Celebrar os ritos, vivenciar e comemorar com rituais, valorizá-los, saber dos diferentes olhares que estes ritos tiveram, é trabalhar a tradição, as nossas raízes, o nosso chão e a nossa importância histórica nesse processo. Sendo a vida cíclica, esses marcos, quando valorizados, nos ensinam respeito, movimento, unidade, eqüidistância, partilha, alteridade.

Como ritos marcantes e nem sempre lembrados com cerimônias simbólicas temos a representação do cotidiano social e familiar, tais como, nascimentos, bodas, casamentos, aniversários, batizados, velório, enterro, procissão, folguedos tradicionais regionais, incluindo caminhadas e circuitos intencionais.

Fazendas, igrejas, parques, jardins e museus como os do Palácio do Catete, Museu do Folclore e a Sala do Artista Popular, no conjunto cultural do Catete, no Rio de Janeiro, abrigam memórias afetivas carregadas de características próprias diferenciadas pelo tempo, percebidas nas representações dos ritos, imagens e suas histórias.

Neste número teremos como temática os ritos de passagem, vistos sob diferentes olhares e linguagens. Partindo da premissa de que os contos de tradição oral e as histórias fantásticas e de encantamento enriquecem o imaginário, ampliando a possibilidade de resolução de conflitos reais em diferentes etapas da vida humana, optamos por selecionar a história de *Chapeuzinho Vermelho* no texto original recolhido pelos irmãos Grimm como ponto de partida.

CHAPEUZINHO VERMELHO – IRMÃOS GRIMM – (VERSÃO ORIGINAL)

Era uma vez, uma menina tão doce e meiga que todos gostavam dela. A avó, então, a adorava, e não sabia mais que presente dar à criança para agradá-la. Um dia presenteou-a com um chapeuzinho de veludo vermelho. O chapeuzinho agradou tanto a menina e ficou tão bem nela, que ela queria ficar com ele o tempo todo. Por causa disso, ficou conhecida como Chapeuzinho Vermelho.

Um dia sua Mãe lhe chamou e lhe disse:

– Chapeuzinho, leve este pedaço de bolo e essa garrafa de vinho para sua avó. Ela está doente e fraca, e isto vai fazê-la ficar melhor. Comporte-se no caminho, e de modo algum saia da estrada, ou você pode cair e quebrar a garrafa de vinho, e ele é muito importante para a recuperação de sua avó.

Chapeuzinho prometeu que obedeceria a sua mãe e pegando a cesta com o bolo e o vinho, despediu-se e partiu. Sua avó morava no meio da floresta, distante uma hora e meia da vila.

Monumento aos irmãos Wilhelm e Jacob Grimm, em Hanau, Alemanha

Logo que Chapeuzinho entrou na floresta, um Lobo apareceu na sua frente. Como ela não o conhecia nem sabia que ele era um ser perverso, não sentiu medo algum.

– Bom dia Chapeuzinho – saudou o Lobo.

– Bom dia, Lobo – ela respondeu.

– Aonde você vai assim tão cedinho, Chapeuzinho?

– Vou à casa da minha avó.

E o que você está levando aí nessa cestinha?

– Minha avó está muito doente e fraca, e eu estou levando para ela um pedaço de bolo que a mamãe fez ontem, e uma garrafa de vinho. Isto vai deixá-la forte e saudável.

– Chapeuzinho, diga-me uma coisa, onde sua avó mora?

– A uns quinze minutos daqui. A casa dela fica debaixo de três grandes carvalhos e é cercada por uma sebe de aveleiras. Você deve conhecer a casa.

O Lobo pensou consigo: "Esta tenra menina é um delicioso petisco. Se eu agir rápido posso saborear sua avó e ela como sobremesa". Então o Lobo disse:

– Escute, Chapeuzinho, você já viu que lindas flores há nessa floresta? Por que você não dá uma olhada? Você não está ouvindo os pássaros cantando? Você é muito séria, só caminha olhando para frente. Veja quanta beleza há na floresta.

Chapeuzinho então olhou a sua volta, e viu a luz do sol brilhando entre as árvores, e viu como o chão estava coberto com lindas e coloridas flores, e pensou: "Se eu pegar um buquê de flores para minha avó, ela vai ficar muito contente. E como ainda é cedo, eu não vou me atrasar".

E, saindo do caminho entrou na mata. E sempre que apanhava uma flor, via outra mais bonita adiante, e ia atrás dela. Assim foi entrando na mata cada vez mais.

Enquanto isso, o Lobo correu à casa da avó de Chapeuzinho e bateu na porta.

– Quem está aí? – perguntou a velhinha.

– Sou eu, Chapeuzinho – falou o Lobo disfarçando a voz. Vim trazer um pedaço de bolo e uma garrafa de vinho. Abra a porta para mim.

– Levante a tranca, ela está aberta. Não posso me levantar, pois estou muito fraca. – respondeu a vovó.

O Lobo entrou na casa e foi direto à cama da vovó, e a engoliu antes que ela pudesse vê-lo. Então ele vestiu suas roupas, colocou sua touca na cabeça, fechou as cortinas da cama, deitou-se e ficou esperando Chapeuzinho Vermelho.

E Chapeuzinho continuava colhendo flores na mata. E só quando não podia mais carregar nenhuma é que retornou ao caminho da casa de sua avó.

Quando ela chegou lá, para sua surpresa, encontrou a porta aberta. Caminhou até a sala, e tudo parecia tão estranho que pensou: "Oh, céus, por que será que estou com tanto medo? Normalmente eu me sinto tão bem na casa da vovó...".

Então ela foi até a cama da avó e abriu as cortinas. A vovó estava lá deitada com sua touca cobrindo parte do seu rosto, e, parecia muito estranha...

– Oh, vovó, que orelhas grandes a senhora tem! – disse então Chapeuzinho.

– É para te ouvir melhor.

– Oh, vovó, que olhos grandes a senhora tem!

– É para te ver melhor.

– Oh, vovó, que mãos enormes a senhora tem!

– São para te abraçar melhor.

– Oh, vovó, que boca grande e horrível a senhora tem!

É para te comer melhor – e dizendo isto o Lobo saltou sobre a indefesa menina, e a engoliu de um só bote.

Depois que encheu a barriga, ele voltou à cama, deitou, dormiu, e começou a roncar muito alto. Um caçador que ia passando ali perto escutou e achou estranho que uma velhinha roncasse tão alto, então decidiu ir dar uma olhada.

Ele entrou na casa, e viu deitado na cama o Lobo que ele procurava há muito tempo. E o caçador pensou: "Ele deve ter comido a velhinha, mas talvez ela ainda possa ser salva. Não posso atirar nele". Então ele pegou uma tesoura e abriu a barriga do Lobo.

Quando começou a cortar, viu surgir um chapeuzinho vermelho. Ele cortou mais, e a menina pulou para fora exclamando:

– Eu estava com muito medo! Dentro da barriga do lobo é muito escuro! E assim, a vovó foi salva também. Então Chapeuzinho pegou algumas pedras grandes e pesadas e colocou dentro da barriga do lobo.

Quando o lobo acordou tentou fugir, mas as pedras estavam tão pesadas que ele caiu no chão e morreu.

E assim, todos ficaram muito felizes. O caçador pegou a pele do lobo. A vovó comeu o bolo e bebeu o vinho que Chapeuzinho havia trazido, e Chapeuzinho disse para si mesma:

"Enquanto eu viver, nunca mais vou desobedecer minha mãe e desviar do caminho, nem andar na floresta sozinha e por minha conta".

Os irmãos Grimm (em alemão *Brüder Grimm*), Jacob e Wilhelm Grimm, nascidos em 4 de janeiro de 1785 e 24 de fevereiro de 1786, respectivamente, foram dois alemães que se dedicaram ao registro de várias fábulas infantis, ganhando assim grande notoriedade. (Wikipédia)

Chapeuzinho Amarelo – Chico Buarque (Versão 1)

Era a Chapeuzinho Amarelo.
Amarelada de medo.
Tinha medo de tudo,
aquela Chapeuzinho.
Já não ria.
Em festa não aparecia.
Não subia escada
nem descia.
Não estava resfriada
mas tossia.
Ouvia conto de fada
e estremecia.(...)

Mesmo quando
está sozinha,
inventa
uma brincadeira.
E transforma em companheiro
cada medo que ela tinha:
o raio virou orrái,
barata é tabará.
a bruxa virou xabru
e o diabo é bodiá.

Texto (fragmentos): Chico Buarque
Ilustração: Ziraldo
Editora: José Olympio

A polissemia presente no texto, produzindo novos sentidos e revertendo as tradicionais posições de dominador e dominado, forte e fraco, é o que difere a reescritura de Chico Buarque – e que se reitera com a força da interação letra-imagem, pela ilustração de Ziraldo.

Parodiando, ele desconstrói a imagem de Chapeuzinho Vermelho, e desloca o sentido do medo, por pistas evidenciadas na base lingüística, fazendo surgir a Chapeuzinho Amarelo forte e dominadora (de seus medos).

Sites: www. livrosparatodos; carlrogers.com.br; psicopedagogiabrasil.com.br; ziraldo.com; releituras.com

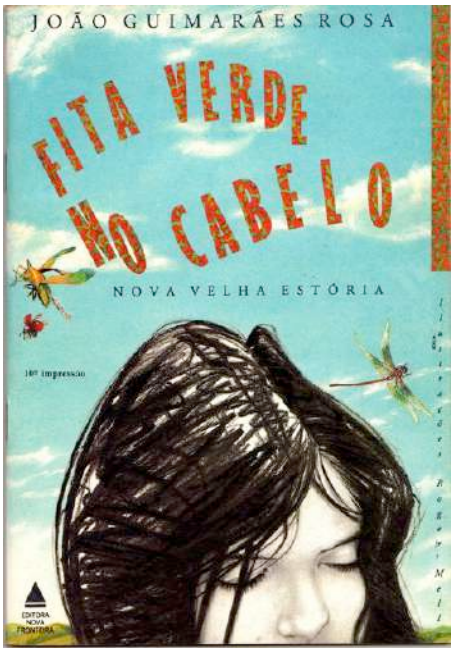
CHAPEUZINHO VERMELHO – JAMES FINN GARNER – (VERSÃO 2)

James Finn Garner, *Contos de fadas politicamente corretos.* Adap. de Cláudio Paiva. Ediouro. 1996.

Dentre as várias versões sobre este conto, esta é uma das que nos remete à reflexão sobre as muitas possibilidades de releituras contemporâneas dos contos de tradição oral. Há outras disponíveis em diferentes mídias. A indicada na obra de James Garner é relevante pela ludicidade na original inversão de papéis dos personagens.

Sites: http://telinha.blogspot.com/2001/11/chapeuzinho-vermelho-em-verso.html

FITA VERDE NO CABELO – GUIMARÃES ROSA – (VERSÃO 3)



Fita verde no cabelo apresenta uma nova leitura de *Chapeuzinho Vermelho*, história em que a personagem experimenta sentimentos como a alegria, o desejo, o medo e a solidão. Guimarães Rosa mostra a trajetória de fantasias de uma menina, até o confronto com a morte de sua avó, quando "mais se assustou, como se fosse ter juízo pela primeira vez".
O conto, rico por si mesmo, escrito com um ritmo e uma forma de apresentação de cenas e imagens que muito o aproximam da poesia, encanta o público de qualquer idade.

Glória Pondé

"A terapia literária consiste em desarrumar a linguagem a ponto que ela expresse nossos mais fundos desejos". (Manoel de Barros)

A desarrumação proposta nos dizeres de Manoel de Barros habita a obra de Guimarães Rosa em *Fita Verde no Cabelo*. Os ritos ali presentes estimulam a imaginação, questionam valores, propõem soluções, fantasiam certezas.

Sites: www: paginas.terra.com.br; filologia.org.br; releituras.com

Outras dicas:

Na *Gramática da Fantasia*, de Gianni Rodari – Summus Editorial – há várias sugestões de atividades criativas a partir dos contos de fadas. É uma leitura imperdível!

Muito poderíamos falar sobre os contos e ritos de passagem. Sugerimos a leitura da obra de Bruno Bettelheim *A psicanálise dos contos de fadas,* na qual o autor apresenta seu olhar sobre a importância de se encontrar significados para a vida, bem como de construir a maturidade psicológica.

CHAPEUZINHO VERMELHO EM OUTRAS LINGUAGENS

Além do texto literário, os desafios aparecem, com roupagens diferentes, em outras linguagens como a da música e a do cinema.

A "Bossa Nova" movimento musical dos anos 60, também relê Chapeuzinho Vermelho, através da composição musical *Lobo bobo*, de Ronaldo Bôscoli e Carlos Lyra.

Lobo bobo

Tom: E7+

E7+ Fº
Era uma vez um lobo mau
F#m7 B6/7
Que resolveu jantar alguém
F#m7 B6/7 E7
Estava sem vintém , mas arriscou
Fº F#7/9 B5+/7
E logo se estrepou
E7+ Fº
Um Chapeuzinho de maiô
F#m7 B6/7
Ouviu buzina e não parou
F#m7 B7 Bm5-/7 C#5+/7
Mas Lobo Mau insiste e faz cara de triste
F#m7 Gº Em7 C#5+/7
Mas Chapeuzinho ouviu os conselhos da vovó
F#m7 B7 Am3b E6/9
Dizer que não pra lobo, que com lobo não sai só
Bm7 E7/9 A7+ A6 Bm7 E7/9 A7+ A6
Lobo canta, pede, promete tudo até amor
C#m6b D#7 G#m7 C#m7 F#7/9 A/B B7/9-
E diz que fraco de lobo é ver um Chapeuzinho de maiô
E7+ Fº
Mas Chapeuzinho percebeu
F#m7 B6/7
Que Lobo Mau se derreteu
F#m7 B7 Bm5-/7 C#5+/7
Pra ver você que lobo também faz papel de bobo
F#m7 Gº G#m7 C#5+/7
Só posso lhes dizer, Chapeuzinho agora traz
F#m7 B7 Am3b E6/9
Um lobo na coleira que não janta nunca mais
Lobo bobo, uuuuh!

Os brinquedos cantados, as cantigas de roda e as canções de ninar possuem melodias que brincam com a sonoridade das palavras. A organização em roda, de mãos dadas, com o girar para a mesma direção propicia movimentos eqüidistantes e percursos harmoniosos interdependentes, propondo uma releitura do conto. Braguinha, na coleção "Disquinho", da década de 50/60, teve eternizadas as cantigas de Chapeuzinho Vermelho.

(Chapeuzinho)
"Pela estrada a fora eu vou bem sozinha
Levar estes doces para a vovozinha,
Ela mora longe o caminho é deserto
E o lobo mau passeia aqui por perto.
Mas à tardinha ao sol poente
Junto à mamãezinha dormirei contente"

(Lobo Mau)
"Eu sou o lobo mau, lobo mau, lobo mau
Eu pego as criancinhas pra fazer mingau
Hoje estou contente vai haver festança
Tenho um bom petisco para encher a minha pança".

(Caçadores)
Nós somos os caçadores e nada nos amedronta
Damos mil tiros por dia, matamos feras sem conta
Varamos toda floresta, por mares e serranias
Caçamos onça pintada, pacas, tatus e cotias.

(Chapeuzinho)
O lobo mau já morreu, agora estamos em festa
Posso brincar com as crianças
E passear na floresta.

Sites: www letras.terra.com.br; mpbnet.com.br; bossanovaguitar.com; vagalume.uol.com.br

ALGUMAS PRODUÇÕES CINEMATOGRÁFICAS

- Deu a Louca na Chapeuzinho

Comédia: Desenho Infantil, Europa Filmes, 2005

Direção: Cory Edwards

A bicharada está assustada depois que os policiais do reino animal receberam denúncias de uma confusão na floresta. A bagunça envolve nada menos que a Chapeuzinho Vermelho, o Lobo Mau e a Vovozinha. Nesta confusão, quem conta a verdade? Quem roubou as receitas de doces da Vovó? Se você desconfia de alguém, guarde a informação até o fim do filme. Será uma grande surpresa!

A tranqüilidade da vida na floresta é quebrada pelo roubo de receitas. Os suspeitos: nada menos do que a Chapeuzinho Vermelho, o Lobo-Mau e a Vovozinha. Com cada um contando uma história diferente. Quem estará falando a verdade? Quem será o Bandido Guloso? A animação faz uma paródia do conto da Chapeuzinho Vermelho.

Veja o *trailler*, a galeria de fotos e muito mais: www.deualoucanachapeuzinho.com.br

- Os Irmãos Grimm

The Brothers Grimm. EUA/República Tcheca, Europa Filmes, 2003

Direção: Terry Gilliam

Do aclamado diretor, as aventuras dos lendários escritores de contos de fada Will (Matt Damon) e Jake Grimm (Heath Ledger), dois irmãos que viajam através da Europa de Napoleão enfrentando monstros e demônios em troca de dinheiro rápido. Mas, quando as autoridades francesas descobrem o esquema, os trapaceiros são forçados a enfrentar uma maldição real numa floresta encantada, onde jovens donzelas continuam a desaparecer sob circunstâncias misteriosas.

Veja o *trailler*: europafilmes.com.br

Edwiges Rosalia Ferreira
Coordenadora de Projetos Culturais da SEE/RJ

NOTA DOS EDITORES

Até concluirmos esta edição, não recebemos a autorização solicitada aos autores/sucessores e/ou representantes dos titulares de alguns dos textos referenciados, para transcrevê-los neste artigo. A fim de evitar questionamentos legais, embora nossa revista não tenha propósito comercial, apenas indicamos endereços na internet onde são encontrados na íntegra. Lastimamos não poder prestar aos autores o tributo que merecerem, pela forma que consideramos a mais significativa: oferecer o texto a mais e mais leitores, para que compartilhem da riqueza por eles produzida, que é parte de nosso patrimônio cultural.

O tempo ajudará os legisladores a encontrar formas que respeitem os justos direitos dos autores, ao mesmo tempo que não impeçam aos leitores exercerem o justo direito de usufruir das riquezas espirituais por eles produzidas, antes do transcurso de setenta anos após sua morte, previstos pela Lei de Direitos Autorais. Que o usufruto desses direitos não signifique o “enterro” de obras e autores...

ESPAÇO-VISÃO - "VISÃO" DO ESPAÇO

A escola pública e a classe social não desfavorecem ninguém..

Ao se apagarem as luzes do 2007, uma escola pública, como tantas outras (de)cantada em prosa e verso, criticada por falhas que não são unicamente dela e situada em município da periferia, surge como verdadeiro farol para aqueles que, deficientes da visão, não se sentem vencidos nem derrotados pela deficiência e participam de esportes que, até há bem pouco tempo lhes seriam vedados...

Nos Jogos Para-Panamericanos de 2007 ocorridos no Rio de Janeiro, a corredora Adria Santos, deficiente visual, correu com seu guia. Noutra corrida, também para deficientes visuais, o guia do recordista mundial dos 100 m, Lucas Prado, caiu, provocando sua derrota. Assim, em alguns casos, a presença do guia pode ser um fator de risco para o atleta. Proximamente, graças à criatividade de alguns alunos e de um professor do Colégio Estadual Alcindo Guanabara, de Guapimirim-RJ, esta cena poderá não mais se repetir.

Falamos do projeto *Espaço-Visão*, criado para dar maior liberdade nas corridas de velocidade aos atletas com diversos graus de deficiência visual, dispensando a presença dos guias para cumprirem o trajeto. Vislumbram-se, entretanto, múltiplos empregos para este engenhoso e simples invento.

O sistema compõe-se de uma esteira com a largura (e extensão) das raias oficiais de corrida, dotada de condutores elétricos nas laterais e com a faixa central sem contatos. Nos calçados do atleta, cabos conduzem impulsos elétricos a geradores de vibrações presos nos braços do atleta: o contato do pé direito se liga ao braço esquerdo e o do esquerdo ao braço direito. Numa corrida, se um dos pés do atleta se desviar da trajetória, o braço do lado oposto recebe vibrações, indicando a necessidade de corrigir a trajetória naquela direção.

O prêmio ***Inovar para Crescer*** foi criado em 2007 pela Associação Comercial do Rio de Janeiro – ACRJ, para despertar o interesse de jovens por gerar e transformar idéias em inovações tecnológicas, estimulando a criatividade e o empreendedorismo, e contribuindo para a consolidação do estado como líder em criação tecnológica. O projeto premia aqueles que se destacam, juntamente com seus orientadores e respectiva escola, e apóia ações que possam se transformar em bons negócios, fomentando o empreendedorismo entre jovens, bem como a criação de micro e pequenas empresas, estratégicas para o crescimento econômico do Rio de Janeiro.

Ganhadores individual e por equipe

O protótipo do invento foi montado com sucatas e não custou mais de quarenta reais, levando a crer que, se produzido em escala industrial, será de baixo custo e poderá ter outras

aplicações que lhe darão maior alcance social. Participaram do projeto o professor orientador do grupo, Valner Pimentel Marins, os alunos Alana Graziele Gomes da Silva, Celso Pereira de Azevedo Jr., Cristiane Vieira Rodrigues, Jéssica Christiane Pereira Passini e Rodrigo da Silva Pavides.

Além da equipe do CE. Alcindo Guanabara, muitos outros inventos disputaram os prêmios sobre *Tecnologia nos esportes*, havendo outro vencedor: Daniel Nasajon, com um óculos de natação que apresentam numa tela de LCV os dados telemétricos da prova. Ele é aluno do Liessen, tradicional colégio de Botafogo, na capital.

Demonstração do espaço-visão

Participar desse Prêmio foi gratificante, não só pelo Projeto em si e sua abrangência social, mas principalmente por mostrar aos alunos que a Escola Pública e a classe social não desfavorecem ninguém, quando a vontade de crescer e vencer os obstáculos da vida são os objetivos que devemos perseguir. No início, todos não acreditavam na capacidade de competir com escolas técnicas e particulares, quanto menos se classificar.

Quando nosso Projeto foi classificado, mostrei-lhes que sermos classificados já era gratificante, levando-se em conta nossas condições e que isto dava um "empurrão" para cima na auto-estima deles.

Espero que isto sirva para fomentar a participação de outros colegas da rede pública e que seus alunos também se sintam encorajados e motivados a participarem de outros eventos.

Valner Pimentel Marins
Professor orientador do grupo
Os revolucionários

A cooperação entre professor e alunos, o aceitar desafios e se expor ao risco do insucesso e a intenção de ajudar ao próximo foram claramente reveladas no desenvolvimento do Espaço-Visão. Esperamos e fazemos votos que este exemplo de multiplique, permitindo que ninguém se sinta inferiorizado por estudar/trabalhar numa escola pública.

Outro ganho obtido pelos jovens, ganhadores ou não dos prêmios, foi a demonstração de que sua imaginação e seus atos geram boas conseqüências se forem bem direcionados – este é o principal objetivo de uma educação ética e criativa.

Helenice Augusta do C. Martins
Pedagoga e Diretora do C.E. Alcindo Guanabara

Sítios recomendados: www.acrj.org.br

FOLIAS DE REIS
Breve Notícia

Vinte de janeiro é o dia em que as *Folias de Reis* encerram seu período de visita às casas no Estado do Rio de Janeiro. O calendário é totalmente diverso dos demais estados brasileiros. Geralmente o ciclo de apresentação desse folguedo natalino inicia-se em dezembro, na noite do dia 24, e termina a 6 de janeiro, dia consagrado aos Reis Magos. No nosso Estado, porém, esse período se prolonga até 20 de janeiro, quando se festeja São Sebastião, padroeiro da terra carioca.

Após o 6 de janeiro, mais uma estampa de santo – a de São Sebastião – passa a fazer parte da bandeira e alguns grupos chegam mesmo a trocar a bandeira dedicada aos Santos Reis por outra dedicada a São Sebastião. Também as profecias ou jornadas (partes cantadas) falam do santo: sua vida, seu martírio, seu poder.

Na noite do dia 20, portanto, encerra-se o "giro", isto é, a saída do grupo em visita às casas dos devotos. Até o final do mês de janeiro, porém, alguns municípios fluminenses promovem "Encontros de Folias de Reis", eventos que propiciam nova saída da Bandeira e muita confraternização entre os membros dos diversos grupos.

O "Remate" encerra solenemente o ciclo anual de apresentações: os palhaços tiram as máscaras e as vestes, os foliões guardam os instrumentos, o bandeirista recolhe a bandeira. Em dia escolhido de comum acordo nos diversos grupos, há festa de comida farta, muita bebida e muitos convidados, entre parentes, amigos e outras Folias que comparecem uniformizadas. Como decorrência desta festividade, as apresentações dos grupos de Folia de Reis fluminenses acabam por estender-se por todo o ano, extrapolando assim os limites do ciclo natalino.

Divisão de Folclore – Inepac/RJ

Fotos: J.W.Freire

www.brazilsite.com.br; flickr.com/photos; seculodiario.com; rosanevolpatto.trd.br; terrabrasileira.net

Em 20 de janeiro de 2008, às 13h, o Governo do Estado promoverá encontro de Folias de Reis junto aos Arcos da Lapa, no Centro do Rio de Janeiro.

Seria interessante que vocês indicassem fontes temáticas de consulta pela internet.

ST

Resposta – Neste n.º 2 procuramos atendê-lo, na medida do possível. Obrigado pelo contato.

Como se faz para imprimir apenas um dos artigos da revista? Sempre que mando imprimir alguma coisa para usar com os alunos, o computador quer imprimir a revista inteira. Não posso gastar tanto papel e tinta.

AM

Resposta – Quando você comanda *Imprimir* o computador apresenta as opções: All (Tudo), Current page (Esta página) e Select (Selecionar), esta subdividida em From (De) e To (Até). Basta escolher De... Até ... e será atendido. Quanto ao gasto de tinta, algumas impressoras oferecem opções Econômica e/ou Rascunho: use a que lhe convier. Para economizar papel, imprima frente e verso da folha. Nas impressoras *jato de tinta* pode haver uma certa infiltração da tinta, de uma para outra página em papel de 75g ou menor. Obrigado, escreva sempre.

Gostei do n.º1 da revista. Vocês deviam criar um espaço para assuntos que não estivessem enquadrados nas seções que propuseram na primeira edição.

CVR

Resposta – Você tem toda a razão, por isto já incluímos a seção *O assunto é...* nesta edição, o que dará mais flexibilidade à publicação.

Mais uma demonstração da qualidade dos serviços prestados na área de edição por vocês. A Educação em linha está ótima. Parabéns a todos.

PPG

Resposta – Obrigado pelo incentivo!